

**Relações entre exposição à violência e bem-estar subjetivo em adolescentes**

Doralúcia Gil da Silva

Dissertação de Mestrado apresentada como exigência parcial  
para obtenção do grau de Mestre em Psicologia sob orientação da  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Débora Dalbosco Dell’Aglío

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia  
Instituto de Psicologia

2015

## **Agradecimentos**

Agradeço primeiramente ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRGS, pela educação pública de excelência e qualidade na formação dos mestres e doutores. Agradeço a minha orientadora Prof<sup>a</sup> Dra. Débora Dalbosco Dell’Aglío por ter me acolhido durante a graduação na realização de iniciação científica voluntária já com o tema da violência, o qual foi melhor desenvolvido no trabalho de conclusão de curso. Esse, por sua vez, instigou a vontade de dar continuidade no assunto no Mestrado. Agradeço a ela por toda dedicação e empenho na orientação de todo o desenvolvimento da dissertação. Além de orientadora, a professora Débora foi um exemplo como professora, pela capacidade de síntese e articulação ao transmitir os conhecimentos. Ela também foi inspiradora como pesquisadora ao atentar para cada detalhe necessário de um projeto de pesquisa, verificando e procurando sanar da melhor forma a distância entre o que é ideal e o que é possível e relevante de ser feito na prática do pesquisador. Destaca-se, ainda, o seu compromisso em realizar a devolução dos dados para os participantes, o qual se mostrou fundamental e atribuiu mais sentido ao realizar essa dissertação de mestrado. Sobre os participantes, agradeço aos adolescentes pela disponibilidade e entusiasmo em receber a equipe de pesquisa, assim como às diretoras e professoras das escolas por terem aberto esse importante espaço para nós. Através desse contato direto com os principais envolvidos em um trabalho científico é que se percebe a relevância social da ciência e da Universidade para com a comunidade, a qual foi constantemente reforçada e alvo de nosso trabalho enquanto equipe de pesquisa.

Com relação ao grupo de pesquisa, agradeço ao Núcleo de Estudos e Pesquisas em Adolescência (NEPA) como um todo pela tradição na forma de, de fato, trabalhar em equipe e pelo acúmulo de conhecimento já estabelecido. Em especial, agradeço às colegas com quem trabalhei diretamente. Primeiramente à Naiana Dapieve Patias, uma grande colega e amiga com quem realizei toda a escrita e implementação do projeto, incluindo o contato com as escolas, a coleta de dados e a devolução dos dados com os adolescentes. Esse trabalho também foi possível graças às alunas da iniciação científica Daniele Penno, Maria Daniele Tavares, Jessica Tag, Vitoria Arenhart, Julia Heine pela ajuda e empenho nas coletas de dados e na devolução dos resultados nas escolas. Dado o tamanho da amostra de adolescentes, a colaboração de todo grupo foi fundamental, de forma que

agradeço às colegas Jaqueline Giordani, Bruna Wendt, Cássia Alves, Jana Zappe, Jeane Borges, Mariane Lopes pela ajuda na coleta e devolução dos dados, além do coleguismo e entrosamento que todas tivemos nas diversas atividades do NEPA juntas. Agradeço especialmente à Juliana Greco Soares, com quem ingressei e finalizei o Mestrado, pela parceria nas coletas de dados, nas disciplinas, nas reuniões do grupo, no estágio de docência, na elaboração da dissertação e na bonita amizade que foi se desenvolvendo ao longo do curso.

Ainda falando em amigos, guardo outro agradecimento especial ao Willian Giroto, outro mestre que me acompanhou em diferentes momentos da minha vida profissional demonstrando ser um grande amigo desde o primeiro dia em que ingressamos na Graduação e na Pós-Graduação. Ainda que cada um tenha seguido o próprio percurso teórico e metodológico, sempre encontramos brechas e espaços por onde conversar. Através dele agradeço também a todas as outras pessoas que fazem parte do mesmo grupo com os quais, da mesma forma, compartilhei momentos inesquecíveis. Agradeço também a outra colega e amiga Natalia Becker pela parceria, ajuda e acolhida em diferentes momentos de nosso percurso. Ainda um agradecimento a uma amiga de décadas, Priscila Correa, por quem tenho muito carinho e que, ainda que indiretamente, contribuiu para que eu tenha conseguido finalizar o Mestrado.

Agradeço aos meus irmãos Vicente e Guilherme, também Mestres, Especialistas e Doutorandos, por terem me ensinado desde as primeiras letras e me incentivado durante toda minha vida acadêmica. Além disso, irmão é o primeiro e grande amigo que a gente tem para a vida inteira. Junto deles, agradeço às minhas queridas cunhadas, também Mestres e Doutorandas, Laura e Keila, pelo carinho e companheirismo que compartilhamos durante esses anos. Finalmente, agradeço à minha mãe Sumára por ter compartilhado comigo todo o conhecimento que se aprende na escola, mas também sobre as pessoas, sobre o mundo e sobre a vida. Por ter me apoiado incondicionalmente de todos os modos possíveis em diversos momentos das nossas vidas. Essa conquista também é dela.

Parafrazeando o meu irmão Guilherme na dedicatória de sua dissertação de mestrado, dedico esse trabalho aos nossos pais, professor Gilmar (*in memoriam*) e professora Sumára, os quais cotidianamente fizeram da nossa casa uma escola repleta de amor e de ensinamentos, nos preparando da melhor forma que foi possível para a vida.

## SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS .....	5
RESUMO .....	6
ABSTRACT .....	7
CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO .....	8
CAPÍTULO II - SATISFAÇÃO DE VIDA E AFETOS POSITIVOS E NEGATIVOS EM ADOLESCENTES .....	13
Resumo .....	13
Abstract: .....	13
Introdução .....	14
Método .....	19
Resultados .....	20
Discussão .....	22
Considerações Finais .....	25
CAPÍTULO III - RELAÇÕES ENTRE EXPOSIÇÃO À VIOLÊNCIA INTRA E EXTRAFAMILIAR E BEM-ESTAR EM ADOLESCENTES .....	27
Resumo .....	27
Abstract: .....	27
Introdução .....	28
Método .....	32
Resultados .....	33
Discussão .....	37
Considerações Finais .....	40
CAPÍTULO IV – CONCLUSÕES GERAIS .....	43
REFERÊNCIAS .....	49
ANEXO A - Parecer de aprovação do comitê de ética .....	59
ANEXO B - Termo de Concordância da Instituição .....	63
ANEXO C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....	64
ANEXO D - Ficha de Dados sociodemográficos .....	65

ANEXO E - Questões sobre violência intra e extrafamiliar (Dell’Aglío, Koller, Cerqueira-Santos, & Colaço, 2011) .....	66
ANEXO F - Escala Multidimensional de Satisfação de Vida para Adolescentes (EMSVa) (Segabinazi, Giacomoni, Dias, Teixeira, & Moraes, 2010) .....	68
ANEXO G - Escala de Afetos Positivos e Negativos para Adolescentes (EAPNA) (Segabinazi, Zortea, Zanon, Bandeira, Giacomoni, & Hutz, 2012) .....	70

## **Lista de Tabelas**

Tabela 1. Escores Brutos e Padronizados de Satisfação de Vida (SV) Afetos Positivos (AP), Afetos Negativos (AN) e do Índice de Bem-estar (IBE).....	
Tabela 2. Médias de AP, AN, SV Total, Dimensões da SV e IBE por Sexo.....	
Tabela 3. Médias da Violência por Sexo e Faixas Etárias.....	
Tabela 4. Médias de SV, AP, AN e IBE por Sexo e Faixas Etárias.....	
Tabela 5. Correlações entre Violência e Variáveis Investigadas.....	

## Resumo

Este trabalho investigou as relações entre bem-estar, considerando satisfação de vida e afetos positivos e negativos, e a exposição de adolescentes à violência intra e extrafamiliar. Participaram do estudo 426 jovens de escolas públicas de Porto Alegre, de ambos os sexos, com idades de 12 a 18 anos, que responderam a uma ficha de dados sociodemográficos, um instrumento sobre exposição à violência intra e extrafamiliar, a Escala Multidimensional de Satisfação de Vida, e a Escala de Afetos Positivos e Negativos na Adolescência. A partir dos dados coletados, foram realizados dois estudos quantitativos e transversais. O primeiro deles investigou os níveis de bem-estar, considerando as variáveis sexo e idade. Os meninos apresentaram maior nível de satisfação com a família, autoeficácia e bem-estar, enquanto as meninas apresentaram maior satisfação com as amizades e escores mais elevados em afeto negativo. Para o segundo estudo, além dos dados sociodemográficos e dos instrumentos sobre bem-estar, foi utilizado o instrumento sobre violência. Os dados revelaram maior exposição à violência intrafamiliar entre as meninas e maior exposição à violência extrafamiliar entre os meninos, sendo a faixa etária de 16 a 18 anos a que mais foi exposta à violência intrafamiliar. Foi observada maior vulnerabilidade das meninas para violência doméstica, assim como uma relação inversa entre violência intra e extrafamiliar e bem-estar. São destacadas as diferenças significativas entre os sexos em relação ao bem-estar e à exposição à violência, assim como as relações entre essas variáveis. Repercussões desses dados em termos de promoção de saúde dos adolescentes são discutidas.

## Abstract

This paper investigated the relation between well-being, considering life satisfaction and positive and negative affect, and the exposure to intrafamily and extrafamily violence in adolescents. Participants were 426 adolescents from public schools of Porto Alegre of both sexes (age from 12 to 18) who answered a record of sociodemographic data, an instrument about intrafamily and extrafamily violence, the Multidimensional Scale of Life Satisfaction and the Positive and Negative Affect Scale. Two quantitative and cross-sectional studies were conducted. The first study investigated the levels of well-being, considering age and sex. The boys reported higher levels of family satisfaction, self-efficacy and well-being while the girls presented higher levels of friendship satisfaction and higher scores on negative affect. On the second study, the sociodemographic data, the well-being scales and the violence instrument were used. The data revealed higher exposure to intrafamily violence between girls and higher exposure to extrafamily violence between boys. The group aged 16 to 18 years old was the most exposed to intrafamily violence. There was more vulnerability in girls to domestic violence and a reverse relation between intrafamily and extrafamily violence and well-being. Significant differences in well-being and exposure to violence, as well as the relation between these variables are highlighted. Repercussions of such data on health promotion of the adolescents are discussed.



## CAPÍTULO I

### Introdução

A violência, em suas variadas formas de manifestação, tem sido considerada pela *World Health Organization* (2014) um grande desafio para a saúde pública e vem afetando a população como um todo. Entretanto, sua maior incidência tem sido registrada contra os adolescentes (Ministério da Saúde, 2010; WHO, 2014). A adolescência, sendo considerada como um período importante do desenvolvimento social e da identidade (Steinberg, 1999), merece atenção especial no que se refere aos efeitos da exposição à violência durante essa etapa da vida. Nesse sentido, a ênfase dos estudos sobre o tema da violência com adolescentes recai sobre mostrar dados dessa envolvendo jovens. Assim como identificar a associação entre comportamentos, sintomas ou alterações físicas, psicológicas e sociais dos diferentes tipos de situações violentas sobre eles (Andrade, Yokota, Sá, Silva, Araujo, Mascarenhas, & Malta, 2012; Barreira, Lima & Avanci, 2013; Minayo, 1990; Von Hohendorff, Habigzang, & Koller, 2012).

Tal enfoque mostra relevância científica e social na medida em que o impacto de situações violentas pode causar prejuízos em diversos aspectos da vida, sejam psicológicos, físicos e sociais, do adolescente (Koller & Antoni, 2004). As pesquisas mostram ainda que a exposição à violência pode aumentar o risco para o desenvolvimento de transtornos mentais a curto, médio e longo prazo, entre os quais destacam-se o Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT), transtornos de ansiedade, transtornos de humor (especialmente a depressão) e transtornos de personalidade (Gava, Silva & Dell’Aglia, 2013; Mrug & Windle, 2010). Os resultados desses estudos, bem como de levantamentos oficiais sobre o tema, podem oferecer subsídios para o desenvolvimento de estratégias de intervenção em saúde na adolescência. Esses aspectos estão de acordo com a área da psicologia que busca identificar e intervir em situações de risco e vulnerabilidade, buscando tratar indivíduos que apresentam sintomas ou psicopatologias.

Por outro lado, mais recentemente na psicologia, podem ser observados estudos que têm por objetivo entender algumas questões que invertem o paradigma tradicional da doença-tratamento, partindo de questões tais como: de que maneira as pessoas sobrevivem a adversidades? como se desenvolvem de forma saudável? quais instituições, comunidades

e fatores pessoais promovem o desenvolvimento positivo? como e por que as pessoas experienciam suas vidas de formas positivas? Desse modo, essa nova visão permite outro olhar para os estudos da psicologia que até então tinham como foco a psicopatologia e tratamento, voltando o interesse em prevenção e promoção de saúde (Diener, 2000) e entendendo o ser humano sob uma perspectiva mais integrada.

A psicologia positiva considera os aspectos de compreensão, diagnóstico e técnicas de intervenções para situações de pessoas em sofrimento aliados à visão dos aspectos positivos dessas pessoas, de forma a promover e desenvolver condições e capacidades positivas do desenvolvimento saudável (Passareli & Silva, 2007). Entre tais condições está o bem-estar, que permite que as pessoas experienciem suas vidas de forma mais positiva, com uma melhor percepção de si e dos outros e desfrutem de maior prazer em situações cotidianas e no relacionamento com pares (Passareli & Silva, 2007). Portanto, promover ou desenvolver aspectos positivos tais como o bem-estar pode ajudar as pessoas a passarem por situações estressantes, tal como a exposição à violência, diminuindo seu impacto negativo. Nesse sentido, justifica-se estudar a exposição à violência entre adolescentes e suas relações com o bem-estar. Nesta dissertação, esse é considerado a partir da avaliação de satisfação de vida e dos afetos positivos e negativos, constituindo a perspectiva hedônica do construto (Ryan & Deci, 2001).

Sobre o estudo do bem-estar, Diener e Scollon (2014) defendem diversas razões relevantes para fazê-lo. Entre elas está o fato de que, segundo um levantamento realizado em 47 países com estudantes universitários, a maioria das pessoas elenca a felicidade como a coisa mais importante para si (Diener, 2000). Ao lado disso, apesar de o bem-estar ter sido alvo de reflexões ao longo dos séculos, apenas na última metade do século XX foram iniciados estudos empíricos sobre o tema (Diener, 2000). Assim, atualmente os estudos fornecem indicadores de promoção de bem-estar baseadas em pesquisa científica. Na contemporaneidade observa-se que o bem-estar é algo valorizado e buscado pelas pessoas, tendo em vista as diferentes demandas que enfrentam em suas vidas, e contribui para uma boa saúde e funcionamento adaptativo (De Neve, Diener, Tay, & Xuereb, 2013).

No entanto, no que diz respeito aos estudos que abordam especificamente a relação entre bem-estar e violência em adolescentes, observa-se um número mais restrito na literatura científica. Alguns artigos investigam a incidência e variáveis relacionadas com algum tipo específico de violência (Foshee, Benefield, Reyes, Ennett, Faris, Chang, Hussong, & Suchindran, 2013; Bonomi, Anderson, Nemeth, Bartle-Haring, Buettner, & Schipper, 2012; Oliveira, Costa, Amaral, Santos, Assis & Nascimento, 2014), enquanto

outros incluem variáveis sociodemográficas e construtos tipicamente estudados pela psicologia positiva em adolescentes, entre os quais o bem-estar (González, Saura, Rodríguez, & Guadalupe, 2010; Petanidou, Daskagianni, Dimitrakaki, Kolaitis, & Tountas, 2013; Sales, Merrill, & Fivush, 2013) e saúde mental (Cotton, McGrady & Rosenthal, 2010).

Também há artigos que versam sobre relações entre exposição à violência e diferentes sintomas (Bonomi, Anderson, Nemeth, Rivara & Buettner, 2013; McDonald & Richmond, 2008), além dos que tratam de diferentes tipos de violência relacionados diretamente ao bem-estar ou a alguma variável associada a ele. Um dos estudos avaliou efeitos moderadores das características dos pais e do suporte dos pares em adolescentes expostos à violência (Tajima, Herrenkohl, Moylan, & Derr, 2011), enquanto outro buscou identificar os fatores de risco e proteção associados à violência sexual contra adolescentes e jovens adultos (Paludo & Schiró, 2012). O bem-estar e violência no namoro entre adolescentes também tem sido investigado (Callahan, Tolman & Saunders, 2003), assim como relações entre cyberbullying, violência física e bem-estar em adolescentes (Wigderson & Lynch, 2013). Ao analisar essas pesquisas, observa-se que algumas restringem-se a identificar prejuízos psicológicos associados à violência (Bonomi et al., 2013; Bonomi et al., 2012; Foshee et al., 2013; Oliveira et al., 2014; McDonald & Richmond, 2008; Wigderson & Lynch, 2013) ou ainda chamam a atenção para o cuidado necessário no trabalho dos profissionais de saúde quanto aos relatos de violência doméstica ou comunitária dos adolescentes, pois mesmo que esses tenham recursos para lidar com a violência, necessitam de apoio nessas circunstâncias (Lepisto, Joronen, Aastedt-Kurki, Luukkaala, & Paavilainen, 2012). Por outro lado, alguns autores discutem que os resultados encontrados deveriam subsidiar intervenções com pessoas que apresentam repercussões negativas da violência, destacando suas capacidades ou forças e, ainda, observando que, mesmo tendo sido expostos à violência, os jovens conseguem ter um desenvolvimento positivo (McDonald, Deatrck, Kassam-Adams, & Richmond, 2011; Paludo & Schiró, 2012; Tajima et al., 2011).

No contexto nacional, as pesquisas abordam o tema de maneira semelhante aos artigos internacionais. Há estudos sobre a frequência da exposição à violência nos contextos intra e extrafamiliar de adolescentes que viviam com as famílias, em acolhimento institucional e entre os que cumpriam medida sócioeducativa (Braga & Dell'Aglio, 2012), ou que mostram a prevalência de situações de violência entre adolescentes na cidade de Porto Alegre (Polanczyck, Zavaschi, Benetti, Zenker, &

Gammerman, 2003). Também há aqueles que descrevem sintomas e quadros psicopatológicos como o Transtorno de estresse pós-traumático associados à violência sexual infanto juvenil (Borges & Dell'Aglio, 2008; Habigzang, Borges, Dell'Aglio, & Koller, 2010).

Além de descrever a prevalência da violência e identificar sintomas nos jovens expostos a ela, os estudos buscam associação do fenômeno com outras variáveis. Uma das pesquisas investigou as opiniões e vivências dos adolescentes a respeito dos seus direitos de proteção contra a violência física no âmbito familiar (Souza, Lauda, & Koller, 2014). Já outros estudos buscaram construir e avaliar intervenções para vítimas de violência sexual (Habigzang, Damásio, & Koller, 2013; Hohendorff, Salvador-Silva, Andrade, Habigzang, & Koller, 2014). Ampliando a visão do fenômeno, outra pesquisa procurou identificar situações individuais, familiares e contextuais (entre as quais estava a violência) associadas a problemas de saúde mental nos adolescentes (Benetti, Pizetta, Schwartz, Hass, & Melo, 2010). Pesquisa semelhante investigou relações entre violência comunitária, uso de drogas e envolvimento com a lei entre adolescentes (Benetti, Gama, Vitolo, Silva, D'Ávila, & Zavaschi, 2006). Ainda há artigos que falam no impacto dos conflitos conjugais no desenvolvimento (Benetti, 2006) ou tratam das repercussões da violência conjugal nas características emocionais dos jovens (Patias, Bossi & Dell'Aglio, 2014). Como se vê, ainda que abordem violência e variáveis relacionadas à saúde mental, as pesquisas não tratam diretamente das relações com o bem-estar, focando o papel positivo desse.

Já os estudos internacionais que tratam do bem-estar e construtos relacionados trazem contribuições que enfatizam o papel dos fatores protetores na vida dos adolescentes (Svetaz, Ireland, & Blum 2000), as intervenções com os adolescentes com foco no funcionamento das famílias e nas figuras parentais (McDonald, Deatrick, Kassam-Adams, & Richmond, 2011) e tópicos como o desenvolvimento de habilidades afetivas e de relacionamento, visando à promoção e desenvolvimento (Martins, Gouveia, Chaves, Lourenço, Marques, & Santos, 2014). Alguns até mesmo sugerem uma mudança de perspectiva nas práticas e políticas públicas no sentido de identificar e construir pontos fortes individuais, na família e na comunidade que efetivamente deem suporte aos jovens expostos à violência a fim de prevenir problemas na vida adulta (Jain & Cohen, 2013).

Como pode ser observado, esses estudos representam parte da tendência em entender o ser humano a partir de condições favoráveis, que é ainda recente e em crescente disseminação. Assim, considera-se a necessidade de mais estudos que investiguem as

relações entre violência e bem-estar com adolescentes, entendendo o fenômeno da violência entre os jovens sob o enfoque da psicologia positiva.

Desse modo, o objetivo geral deste trabalho foi investigar as relações entre exposição à violência intra e extrafamiliar e bem-estar subjetivo em adolescentes. Os objetivos específicos foram: (1) descrever os níveis de bem-estar dos adolescentes através de uma medida integrada que incluiu satisfação de vida e afetos positivos e negativos, (2) identificar as frequências de exposição à violência intra e extrafamiliar dos adolescentes e (3) verificar as relações entre violência e bem-estar, considerando sexo e faixa etária. Para isso, foi realizado um estudo quantitativo, com o uso de instrumentos padronizados, aplicados em adolescentes de escolas públicas de diferentes regiões da cidade de Porto Alegre, e essa dissertação é composta por dois estudos empíricos, derivados da investigação realizada. O primeiro trata do conceito de bem-estar e investiga os níveis de afetos positivos e negativos, satisfação dos adolescentes com relação aos domínios específicos de suas vidas e bem-estar. O segundo estudo teve por objetivo identificar as frequências da violência familiar e extrafamiliar e os níveis de bem-estar percebidos pelos adolescentes, assim como verificar as relações entre violência e bem-estar.

Além dos artigos resultantes da dissertação, destaca-se a atividade de devolução dos dados da pesquisa com os adolescentes nas escolas. Após a finalização da coleta de dados, as pesquisadoras realizaram intervenções pontuais com algumas das turmas que participaram da coleta de dados. Paralelamente a essa intervenção coletiva, também foram realizadas intervenções individuais, com alunos que foram expostos a situações de violência sexual, os quais foram acolhidos e encaminhados de acordo com a necessidade.

O capítulo final da dissertação apresenta as considerações finais que integram os principais resultados encontrados ao longo do trabalho. Nessa seção também são apresentados os aspectos mais importantes derivados da atividade de devolução dos resultados da pesquisa nas escolas. Esse capítulo final ainda tem por objetivo apresentar as limitações identificadas na dissertação como um todo, assim como sugerir novas possibilidades de futuras pesquisas que deem prosseguimento ao estudo da área.

## CAPÍTULO II

### Bem-estar subjetivo em adolescentes: Satisfação de vida e Afetos Positivos e Negativos

#### Resumo

O bem-estar subjetivo é composto pela satisfação de vida e pelos afetos positivos e negativos. O estudo desse construto com adolescentes justifica-se pela importância de promoção de aspectos positivos nesse período do desenvolvimento. Assim, este trabalho teve por objetivo descrever os níveis de afetos positivos e negativos, satisfação dos adolescentes com relação aos domínios específicos de suas vidas e bem-estar, considerando sexo e faixa etária. Foram aplicadas a Escala Multidimensional de Satisfação de Vida e a Escala de Afetos Positivos e Negativos para Adolescentes em 426 estudantes (média de idade 14,91 anos; DP=1,65) de escolas públicas de Porto Alegre. Os resultados apontaram médias mais altas entre os meninos nas dimensões satisfação com a família, autoeficácia e bem-estar. As meninas apresentaram maior satisfação com as amizades, maiores níveis de afetos negativos e menor satisfação com a vida. Tais dados indicam a necessidade de intervenções que promovam aspectos positivos entre elas.

Palavras-chave: Bem-estar subjetivo, Adolescência, Psicologia Positiva

#### Abstract:

Well-being is composed by life satisfaction and positive and negative affect. The study of this construct with adolescents is justified through the importance of positive aspects promotion in this development period. This study aimed to describe the levels of positive and negative affect, life satisfaction in specific areas and well-being, considering sex and age group. A Multidimensional Scale of Life Satisfaction and a Positive and Negative Affect Scale were applied collectively in 426 adolescents (M=14.91 years old; SD=1.65) from public schools of Porto Alegre. Results pointed highest average between boys in family satisfaction, self-efficacy and well-being. Girls presented more friendship satisfaction, more negative affect and less life satisfaction. These data indicate the need of interventions that promote positive aspects between girls.

Key words: Well-being, Adolescence, Positive Psychology

## Introdução

As concepções teóricas contempladas nos estudos sobre bem-estar organizam-se na perspectiva do bem-estar eudemônico (bem-estar psicológico) e hedônico (bem-estar subjetivo). Ryan e Deci (2001) pontuam que a primeira perspectiva propõe que o bem-estar é o pleno funcionamento das potencialidades de uma pessoa, incluindo sua capacidade de pensar e de bom senso. Já a segunda propõe o bem-estar como felicidade, sendo esse avaliado positivamente quando alguém relata altos níveis de satisfação com sua vida, altos níveis de emoções positivas e baixos níveis de emoções negativas. De acordo com Diener, Suh e Oishi (1997), essa avaliação de bem-estar não inclui condições psicopatológicas como depressão e estresse. Assim, este estudo utilizará a perspectiva hedônica para abordar o conceito de bem-estar.

Com relação à definição conceitual, Diener (1984) coloca o bem-estar como uma avaliação cognitiva e emocional a respeito da própria vida feita por uma pessoa. O componente cognitivo corresponde ao conceito de satisfação de vida (SV). A avaliação pode ser feita a respeito da vida de forma global, ou seja, a percepção que a pessoa tem de sua vida como um todo, ou considerando os diferentes domínios dela, de forma que o indivíduo informa o quanto está satisfeito com a vida que leva (Diener, 2006). A avaliação pode referir-se ainda a aspectos mais específicos, como relacionamentos, família, trabalho, escola (Diener, Suh, Lucas, & Smith, 1999). Assim, os determinantes para a satisfação de vida podem ser provenientes de condições externas e de fatores internos. Diener (1984) considera mais adequado avaliar a satisfação de vida a partir dos parâmetros ou domínios selecionados pelos próprios indivíduos como importantes para afetar o seu bem-estar. O fator afetivo abrange os afetos positivos (AP) e negativos (AN) (Diener, 1984). O afeto positivo é definido como o quanto um indivíduo se sente ativo e entusiasmado, enquanto o afeto negativo corresponde ao quanto uma pessoa sente estados de humor aversivos como culpa ou raiva (Watson, Clark, & Tellegen, 1988).

Priorizar o estudo de elementos positivos do ser humano está de acordo com a tendência de pesquisas atrelada à Psicologia Positiva. Seligman e Csikszentmihalyi (2000) no trabalho que oficialmente inaugurou essa nova perspectiva dentro da psicologia, colocam que o novo enfoque deveria ser identificar aspectos intrapsíquicos e sociais das pessoas que possibilitam um desenvolvimento saudável, ou ainda verificar como as pessoas “sobrevivem” apesar de situações estressantes pelas quais passam. Essa abordagem também mantém interesse em conhecer quais os elementos estão implicados no fortalecimento e na construção de competências dos indivíduos (Seligman &

Csikszentmihalyi, 2000). Tal área tem como temas investigados alguns eixos norteadores como emoções e afetos positivos, forças, instituições positivas (Passareli & Silva, 2007). Dessa forma, a ênfase dos estudos deixa de ser sobre questões de sofrimento psíquico e psicopatologias e passa a avançar no sentido de uma perspectiva sobre o ser humano mais integrada. Nela são considerados os aspectos de compreensão, diagnóstico e técnicas de intervenções para situações de pessoas em sofrimento aliados à visão dos aspectos positivos delas, de forma a desenvolver condições e capacidades associadas ao desenvolvimento saudável.

Com efeito, estudos que investigam o bem-estar enfocam um aspecto positivo do desenvolvimento (Possatti & Dias, 2002; Segabinazi, Giacomoni, Dias, Teixeira, & Moraes, 2010; Suldo & Huebner, 2006), o que configura o construto como inserido na área de prevenção e promoção de saúde (Diener, 2000). Considerando a inserção na prevenção e promoção de aspectos saudáveis, justifica-se entender e, por conseguinte, promover o bem-estar já em períodos iniciais do desenvolvimento. Em especial, em uma das etapas cruciais para o desenvolvimento social como a adolescência.

Na adolescência ocorrem concomitantes transformações biológicas, psicológicas e sociais. O jovem começa a vislumbrar a possibilidade de controle e poder sobre sua vida através das várias transformações pelas quais está passando, buscando exercer sua autonomia livremente (Pessalacia, Menezes, & Massuia, 2010). De maneira que nesse processo de independização, o jovem se volta para o meio social e busca o apoio do grupo de pares. Através dessa busca, o adolescente também está consolidando a própria identidade (Wagner, Falcke, Silveira, & Mosmann, 2002). Nesse sentido, altos níveis de bem-estar na adolescência facilitam a passagem do jovem em meio a um período de intensas transformações, fazendo com que perceba sua vida de maneira mais positiva. Com isso, torna-se importante saber no que consiste o bem-estar para os adolescentes e que elementos eles levam em consideração ao avaliá-lo.

Ao tentar responder tal questão, os estudos nacionais e internacionais mostram algumas características que parecem se aproximar do que é considerado bem-estar pelos jovens. Uma das variáveis consideradas como importante para a sua definição é o sexo, sobre o qual ainda não há consenso. De maneira geral, parece que as meninas consideram aspectos diferentes para avaliar e relatar seu bem-estar em relação aos aspectos que os meninos consideram. Um estudo europeu com uma amostra de 2400 adolescentes encontrou diferenças relevantes de satisfação de vida entre os sexos. Os meninos apresentaram mais autoestima e satisfação de vida, que se mantiveram ao longo da



adolescência enquanto nas meninas foi observado um declínio dessas variáveis conforme o aumento da idade (Reina, Oliva, & Parra, 2010). Porém, estudos latinoamericanos não encontraram tais diferenças (Benatuil, 2004; Sarriera, Saforcada, Tonon, Vega, Mozobancyk, & Bedin, 2012). Em outro estudo realizado com 271 adolescentes argentinos não foram encontradas diferenças significativas por sexo e idade. No entanto, outras variáveis como os vínculos pessoais e a aceitação de si mesmo foram capazes de diferenciar jovens com maiores ou menores níveis de bem-estar (Benatuil, 2004).

No contexto do sul do Brasil, em amostra com 188 alunos de escolas públicas, a diferença dos níveis de bem-estar entre os sexos também não foi identificada (Strelhow, Bueno, & Câmara, 2010). No entanto, no estudo de Serafini e Bandeira (2011), realizado com 502 adolescentes de escolas públicas de Porto Alegre, foi observado que as meninas se mostraram mais satisfeitas com a relação com os amigos, com as atividades escolares e com a relação com os colegas e professores do que os meninos. Para os meninos, a satisfação na relação com o pai e intimidade com ele foi significativamente maior em relação às meninas.

Em um estudo qualitativo, diferenças sobre o bem-estar entre os sexos também apareceram. Para investigar o que é felicidade sob a perspectiva dos jovens, Camargo, Abaid e Giacomoni (2011) realizaram estudo com entrevista semiestruturada do qual participaram 95 adolescentes. Os resultados demonstraram que sentir-se bem consigo e com os outros são fatores relevantes para a felicidade. A família apareceu como um componente importante, tendo em vista que, apesar do distanciamento que ocorre entre os jovens e as figuras parentais durante a adolescência, ainda pode ser considerada a primeira rede de apoio dos jovens. Outras categorias foram amizade e relacionamentos, reforçando a ideia de a adolescência ser um período em que o jovem se volta para o seu meio social em busca de autonomia e novas relações. Em relação a diferenças por sexo, a categoria família apareceu como mais importante para as meninas. As autoras discutiram tal resultado em termos de que esse comportamento de conversar e dividir experiências e sentimentos é mais comum no sexo feminino. Além disso, as meninas culturalmente são mais estimuladas a perceber e identificar sentimentos e estabelecer relacionamentos (Steinberg, 1999). Ao mesmo tempo, a categoria mais citada pelos meninos foi sentimentos, mostrando que eles também se preocupam com questões emocionais próprias e dos outros e as consideram importantes para a felicidade. Em contrapartida, não foi observada diferença entre os sexos em relação ao que é estar feliz, demonstrando haver certo consenso dos adolescentes sobre a condição de estar feliz. Ainda no estudo de Camargo,

Abaid e Giacomoni (2011), outra categoria que ganhou destaque entre os meninos foi a satisfação de necessidades e desejos, associando felicidade à obtenção de bens materiais, segurança, morar bem, boas condições de vida.

Em relação aos afetos, as diferenças por sexo oscilam. Alguns estudos mostram que os meninos experienciam menos afetos negativos e mais afetos positivos do que as meninas (Segabinazi et al., 2012; Vera, Thakral, Gonzales, Morgan, Conner, Caskey, Bauer, Mattera, & Clark, 2008) e outros demonstram a associação inversa (Nolen-Hoeksema, & Girgus, 1994). Alguns autores sugerem que na verdade as diferenças nos afetos se devem mais a papéis diferentes esperados socialmente e desempenhados por meninos e meninas (Fujita, Diener, & Sandvik, 1991). Às meninas caberia expressar e falar mais sobre sentimentos, tanto os positivos como os negativos, enquanto os meninos não são tão estimulados nesse sentido (Steinberg, 1999). Ou ainda há a possibilidade de que a experimentação dos afetos esteja relacionada com as atividades desempenhadas e tipos de interesses profissionais. Em pesquisa realizada com 529 estudantes de ensino médio no interior de São Paulo, atividades burocráticas mostraram relação tanto com afetos agradáveis como desagradáveis. Atividades relacionadas com interesses por ciências exatas mostraram associação com afetos negativos (Noronha & Mansão, 2012).

Outros elementos relativos a aspectos sociais e de interação também vêm sendo relacionados ao bem-estar. A satisfação com atividades de tempo livre relacionadas à interação social (convivência com a família e amigos), com a prática de esportes e de atividades intelectuais se mostrou associada com o bem-estar (Sarriera, Paradiso, Abs, Soares, Silva, & Fiuza 2013). No mesmo estudo foi observado que a organização do tempo e a percepção de seu aproveitamento influenciam o bem-estar, tendo em vista a importância da autonomia para os jovens em relação à escolha das atividades e do gerenciamento delas.

O estudo de Segabinazi et al. (2010) identificou dimensões condizentes com a satisfação de vida em adolescentes, a saber: Família, *Self*, Escola, *Self* comparado, Não-violência, Autoeficácia e Amizade. Foi destacado o papel da dimensão *Self* comparado, a qual indica as avaliações comparativas que os adolescentes fazem em relação a seus pares. A autoeficácia foi uma dimensão identificada, a qual demonstra a importância da percepção de sucesso em tarefas ou habilidades dos adolescentes para avaliarem sua satisfação de vida. A dimensão família demonstrou relevância, especialmente ao servir como fonte de apoio social, o que incrementa a satisfação de vida. A amizade foi destacada, indicando que o relacionamento com outros adolescentes é igualmente um

componente para a satisfação de vida. Com efeito, conviver com amigos tem se mostrado um preditor de bem-estar na adolescência, não havendo diferenças nesse aspecto entre sexos e idades (Sarriera et al., 2013; Serafini & Bandeira, 2011). Tendo em vista que nesse período do desenvolvimento o grupo de pares tem importante função para o adolescente (Steinberg, 1999), torna-se relevante considerar as amizades como fator influente no bem-estar em jovens.

À semelhança do estudo de Segabinazi et al. (2010), Huebner, Drane e Valois (2000) em pesquisa feita com 5545 estudantes de Ensino Médio estadunidenses, apontaram que a satisfação de vida em adolescentes poderia ser avaliada de forma global e também em cinco dimensões: família, amigos, escola, *Self* e ambiente onde vivem. Nesse estudo não encontraram diferenças significativas para sexo, raça, série e idade na avaliação da satisfação de vida global. Porém, encontraram que as meninas tiveram mais satisfação com as experiências escolares e com as amizades entre os pares.

Como pode ser observado nos resultados das pesquisas, a idade é outra variável que parece estar associada a um maior ou menor bem-estar nos adolescentes. Um estudo realizado em cinco países de diferentes continentes revelou uma redução dos níveis de bem-estar com o avanço da adolescência (Coenders, Casas, Figuer, & González, 2005). No mesmo sentido, a pesquisa de Sarriera et al. (2012), com 640 adolescentes argentinos e brasileiros apontou que dos 13 aos 16 anos há uma diminuição progressiva do bem-estar. Alguns não encontram diferenças entre faixas etárias (Segabinazi et al., 2012). No entanto, há discussão de que pode haver uma diminuição do afeto positivo em si e do aspecto positivo do bem-estar com o avanço da adolescência, em razão de nesse período o jovem deparar-se com situações potencialmente estressantes como ingresso na universidade ou no mercado de trabalho (Sarriera et al., 2012; Segabinazi et al., 2012).

Contudo, ainda que não haja consenso a respeito da associação entre sexo e idade e afetos positivos e negativos, estudos indicam que os afetos e o bem-estar podem favorecer ou desfavorecer a maneira como uma pessoa percebe a si, aos outros e exerce influência nas relações com os pares (Passareli & Silva, 2007). Tais relações, por sua vez, têm se mostrado como um fator importante para melhores níveis de bem-estar (Diener & Seligman, 2004).

Dessa forma, frente às contribuições das pesquisas apresentadas, este estudo tem por objetivo descrever o nível de afetos positivos e negativos, satisfação dos adolescentes com relação aos domínios específicos de suas vidas e bem-estar, considerando as variáveis sexo e idade.

## Método

### Participantes

Participaram deste estudo 426 adolescentes com idades entre 12 e 18 anos ( $M=14,91$ ;  $DP=1,65$ ), de ambos os sexos (sendo 62% do sexo feminino). Os participantes estudavam desde o sexto ano do Ensino Fundamental ao terceiro ano do Ensino Médio de escolas da rede pública de Porto Alegre/ RS, sendo que uma parte deles (9,9%) também relatou que trabalha. A maioria é solteiro (98,8%) e apenas 1,1% referiu viver com companheiro.

### Instrumentos

Ficha de Dados Sociodemográficos: investiga dados como idade, sexo, série escolar, informações sobre trabalho, configuração familiar, repetência escolar, entre outros.

Escala Multidimensional de Satisfação de Vida para Adolescentes (EMSVA) (Segabinazi et al., 2010): escala composta por 52 itens que avaliam sete dimensões da satisfação de vida de adolescentes: família, *self*, escola, *self* comparado, não violência, autoeficácia, e amizade. As respostas são em escala *Likert* de cinco pontos, variando de 1 (nem um pouco) a 5 (muitíssimo). No estudo original (Giacomoni, Höher, Wathier, Santos, Segabinazi, & D'ávila, 2005) foi encontrada uma adequada consistência interna da escala ( $\alpha=0,93$ ).

Escala de Afetos Positivos e Negativos para Adolescentes (EAPNA) (Segabinazi, Zortea, Zanon, Bandeira, Giacomoni, & Hutz, 2012): a escala constitui-se de 32 adjetivos descritores de estados afetivos subjetivos, com opções de resposta em escala *Likert* de cinco pontos, variando de "nem um pouco" a "muitíssimo". O estudo (Segabinazi et al., 2012) demonstrou índices de consistência interna adequados avaliados por meio do alfa de *Cronbach* (0,88 para AP e para AN).

### Procedimentos e Considerações Éticas

Os aspectos éticos que garantem a integridade dos participantes foram assegurados de acordo com legislações brasileiras, tendo como base a Resolução nº 466 (Brasil, Conselho Nacional de Saúde, 2013) e o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990). O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS, sob protocolo nº 557.202. Foi realizado contato com a direção das escolas selecionadas por conveniência de diferentes regiões da cidade, as quais assinaram o Termo

de Concordância da Instituição. Aos pais dos adolescentes participantes da pesquisa foi solicitada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assim como a assinatura de Termo de Assentimento por parte dos jovens. A aplicação dos questionários se deu forma coletiva nas escolas, com duração de aproximadamente 45 minutos.

## Resultados

Neste estudo, a escala multidimensional de satisfação de vida apresentou um índice de consistência interna de 0,87 (alfa de *Cronbach*). Esse mesmo índice foi de 0,89 e 0,88 para as escalas de afetos negativos e positivos respectivamente, demonstrando consistência satisfatória.

Para identificar os níveis de AP, AN, SV total e das dimensões de SV, foram somados os itens de AP e AN em separado. Para SV total foram somados os itens da escala, invertendo-se aqueles que pesam negativamente para a satisfação de vida, a exemplo do item 11 “Brigo muito com meus amigos” e do item 20 “É difícil conseguir o que quero”. Da mesma forma, para identificar os níveis de cada dimensão da escala, os itens das dimensões foram somados.

Para verificar os níveis de bem-estar foi construído um Índice de Bem-estar (IBE), utilizando os escores padronizados da Escala Multidimensional de Satisfação de Vida para Adolescentes (EMSVA) somados aos escores padronizados da Escala de Afetos Positivos e Negativos para Adolescentes (EAPNA), sendo os itens de afetos negativos invertidos para o cálculo. Para construir o IBE foi feita uma Análise dos Componentes Principais, pois esta permite criar um índice a partir das valências empíricas de seus componentes, ou seja, provenientes dos próprios dados (Field, 2009). Os componentes usados para criar o IBE são provenientes do modelo teórico proposto por Diener (1984) e Diener, Suh, Lucas e Smith (1999), no qual entram a satisfação de vida, afetos positivos e afetos negativos. Além disso, utilizar a EAPNA e a EMSVA em conjunto, as quais foram construídas para adolescentes, representa um avanço na avaliação do bem-estar subjetivo (Segabinazi et al., 2012). A Tabela 1 mostra os escores brutos e padronizados mínimo e máximo do IBE.

Tabela 1. *Escores Brutos e Padronizados de Satisfação de Vida, Afetos Positivos, Afetos Negativos e do Índice de Bem-estar*

	Satisfação de Vida	Afetos Positivos	Afetos Negativos	Índice Bem- estar
Escore Bruto				
Mínimo	100	16	14	69
Máximo	256	70	63	311
Média	199,60	50,91	24,77	225,72
DP	28,11	10,88	10,08	42,88
Escore Padronizado				
Mínimo	-1,52	-2,42	-0,86	-3,37
Máximo	1,73	1,94	1,41	2,78
Média	-0,008	-0,01	0,01	-0,009
DP	0,56	0,76	0,44	1,004

Foi realizada uma análise multivariada de variância (MANOVA), com correção de Bonferroni, para verificar diferenças de AP, AN, SV total, as dimensões de SV e IBE por sexo e faixa etária (faixa 1=12 a 15 anos; faixa 2=16 a 18 anos). A análise demonstrou a presença de efeitos significativos em relação ao sexo (Lambda de Wilks = 0,91, F (9, 413) = 4,51,  $p < 0,001$ ), mas não para a faixa etária (Lambda de Wilks = 0,97, F (9, 413) = 4,51,  $p=0,33$ ) e igualmente não demonstrou diferença para a interação entre as variáveis (Lambda de Wilks = 0,97, F (9, 413) = 4,51,  $p=0,40$ ).

Tendo sido procedida a análise multivariada, foram realizados testes *t de Student* para verificar diferenças de médias de AP, AN, SV total, das dimensões de SV e IBE pelas faixas etárias e sexo. A análise por faixas etárias não revelou diferenças estatisticamente significativas. Já a análise por sexo indicou que as meninas tiveram média mais alta de afetos negativos ( $t=-3,50$ ;  $gl= 377,35$ ;  $p=0,001$ ) e satisfação com as amigas ( $t=-2,04$ ;  $gl=424$ ;  $p=0,041$ ). Os meninos tiveram média mais alta na satisfação de vida total ( $t=2,30$ ;  $gl=423$ ;  $p=0,022$ ), satisfação com a família ( $t=3,17$ ;  $gl=380,62$ ;  $p=0,002$ ), na dimensão autoeficácia ( $t=2,37$ ;  $gl=406,84$ ;  $p=0,018$ ), na dimensão não violência ( $t=4,25$ ;  $gl=424$ ;  $p<0,001$ ) e no índice de bem-estar ( $t=2,76$ ;  $gl=424$ ;  $p=0,006$ ). A Tabela 2 apresenta as médias e desvios-padrão de cada variável em relação ao sexo.

Tabela 2. Médias de AP, AN, SV total, Dimensões da SV e IBE por sexo

		Masculino	Feminino
Afetos Positivos	Média	51,39	50,61
	DP	9,72	11,55
Afetos Negativos	Média	22,68	26,05
	DP	9,07	10,47
Satisfação de Vida total	Média	203,60	197,16
	DP	25,62	29,31
Índice de Bem-Estar	Média	0,16	-0,10
	DP	0,93	1,02
Satisfação com a Família	Média	41,00	38,30
	DP	7,95	9,30
Satisfação com a Escola	Média	20,37	20,30
	DP	5,10	5,08
Satisfação com as Amizades	Média	33,90	34,84
	DP	4,64	4,57
Satisfação com <i>Self</i>	Média	36,12	35,10
	DP	6,37	7,36
Satisfação com <i>Self</i> comparac	Média	21,39	20,59
	DP	4,90	5,52
Satisfação com Autoeficácia	Média	26,95	25,90
	DP	3,88	5,16
Satisfação com Não violência	Média	23,96	22,09
	DP	4,57	4,29

## Discussão

O primeiro ponto que merece destaque neste trabalho diz respeito à forma como o bem-estar subjetivo foi avaliado. É importante ressaltar que foi utilizada uma medida integrada de bem-estar (Índice de Bem-estar) na qual foram incluídas a satisfação de vida e os afetos, segundo o modelo teórico do bem-estar subjetivo (Diener, 1984; Diener et al., 1999), sendo que a avaliação do construto dessa maneira representa um avanço nos estudos dessa área (Segabinazi et al., 2012). De modo que, a partir dessa forma de avaliação do bem-estar e seus componentes, serão discutidos os principais resultados encontrados.

Com relação às análises de diferenças por faixas etárias, os resultados não revelaram diferenças estatisticamente significativas. Esse dado está de acordo com os de outro estudo (Segabinazi et al., 2012). Porém alguns autores discutem que o declínio do bem-estar ao longo da adolescência pode estar associado a desafios próprios da adolescência final, como entrar no mercado de trabalho ou na universidade (Coenders et al., 2005; Sarriera et al., 2012). Tal dado pode não ter sido encontrado nesse estudo em razão de que a média de idade da amostra foi de 14,91 anos, de maneira que a maioria ainda não se encontrava nesse período estressor de transição.

As análises realizadas para verificar diferenças nas variáveis entre os sexos mostraram resultados importantes. Os meninos tiveram médias mais altas nos escores em satisfação de vida total, satisfação com a família, e nas dimensões autoeficácia, não violência e bem-estar. Com relação à maior satisfação de vida entre os meninos, esse resultado está de acordo com estudo que também encontrou maiores níveis de satisfação de vida e de autoeficácia entre o sexo masculino (Reina et al., 2010). A satisfação com a autoeficácia reforça a importância de o adolescente perceber que consegue realizar tarefas ou habilidades relevantes para sentir-se satisfeito com sua vida (Segabinazi et al., 2012).

A maior satisfação com a família entre os meninos mostrou-se como um dado interessante. As pesquisas vêm discutindo a ideia de que para as meninas os relacionamentos interpessoais próximos, como os familiares, são mais importantes do que para os meninos. Essa diferença pode estar relacionada ao fato de que as meninas são socialmente mais estimuladas para o convívio social e para compartilhar experiências afetivas (Camargo et al., 2011; Steinberg, 1999). Porém, o resultado de maior valorização da família pode estar indicando que, independentemente do sexo, a família aparece como relevante para os adolescentes, o que salienta o seu papel como primeira fonte de apoio social na adolescência (Camargo et al., 2011; Segabinazi, 2012). Além disso, as meninas relataram sentirem-se satisfeitas com as amigas, o que vai ao encontro da ideia de que elas valorizam mais os relacionamentos interpessoais. A questão das amigas também pode ser relacionada à valorização do grupo de pares na adolescência, aspecto característico dessa etapa do ciclo vital (Huebner et al., 2000; Sarriera et al., 2013; Serafini & Bandeira, 2011).

A menor satisfação com a família, observada entre as meninas, pode estar associada ao maior nível entre elas de afetos negativos, também identificado neste estudo. Isso porque a sobreposição dos afetos negativos em relação aos positivos, no qual o adolescente experimenta mais sentimentos aversivos, pode enviesar a avaliação de



satisfação de vida, conforme Diener e Seligman (2004). Dessa forma, a maior experimentação de afetos negativos pelas meninas pode estar inversamente relacionada às médias mais baixas na percepção de autoeficácia, satisfação com a família e bem-estar.

Maiores índices de afetos negativos entre as meninas também foram observados em estudos anteriores (Segabinazi et al., 2012; Vera et al., 2008). No entanto, não há consenso na literatura sobre diferenças de expressão de afetos entre os sexos, pois algumas pesquisas (como em Nolen-Hoeksema & Girgus, 1994) também mostram que as meninas apresentam maiores níveis de afetos positivos do que os meninos, contrariando resultados deste estudo. Esses resultados encontrados podem indicar, conforme outros autores vêm discutindo (Fujita et al., 1991; Poletto & Koller, 2011), que, da mesma forma como as meninas experienciam afetos negativos de modo intenso, o fazem em relação aos sentimentos positivos, tendo em vista que, em geral, pessoas que vivem emoções positivas fortemente são as mesmas que experienciam emoções negativas fortes. Ainda deve-se considerar que meninas tendem a ser mais criteriosas e darem mais atenção a estados internos - ainda mais se forem negativos - do que os meninos (Fujita, Diener, & Sandvik, 1991; Poletto & Koller, 2011), além do maior incentivo culturalmente dado a elas no sentido de se preocuparem e falarem sobre sentimentos (Steinberg, 1999).

Por sua vez, os adolescentes do sexo masculino apresentaram médias mais altas na dimensão não-violência. Tal constatação surpreende na medida em que os levantamentos mostram que os meninos são os mais envolvidos em situações violentas, especialmente no contexto comunitário (Ministério da Saúde, 2010). Além disso, estudos indicam que jovens do sexo masculino apresentam mais comportamentos agressivos do que as meninas (Benetti, Pizetta, Schwartz, Hass & Melo, 2010; Steinberg, 1999). No entanto, a média mais alta na dimensão não-violência entre os adolescentes do sexo masculino pode estar relacionada ao fato de eles também terem relatado maiores níveis de bem-estar, o que os favorece no sentido de perceberem sua vida de maneira mais positiva e preferirem ambientes harmônicos e sem brigas (Diener & Seligman, 2004) e assim não considerarem situações estressoras como as de violência ao avaliar seu bem-estar.

Por outro lado, devido aos meninos serem mais expostos à violência fora de casa, atualmente tem sido dada atenção a essa questão através de estudos, discussões e campanhas direcionadas a eles no sentido de conscientização e prevenção para o não envolvimento em situações violentas, principalmente no contexto escolar (Freire & Aires, 2012; Lima & Ardigó, 2011; UNICEF, 2012). Assim, justamente em razão dessa orientação de não compactuarem com episódios violentos, os adolescentes meninos podem

ter respondido aos instrumentos deste estudo dizendo que não gostam ou que não envolvem-se em tais episódios, levando em consideração a desejabilidade social do comportamento não violento.

Tendo em vista os achados deste estudo, observa-se que pode ser identificada uma maior fragilização dos aspectos positivos nas meninas, tendo em vista que elas experimentam mais afetos negativos, menos afetos positivos e estão menos satisfeitas com suas vidas, especialmente nas suas relações com a família. Por conseguinte, esse trabalho sinaliza a necessidade de intervenções na promoção de aspectos positivos entre as meninas, retomando, portanto, a importância da contribuição dos estudos sobre bem-estar na área de promoção de saúde (Diener, 2000). De acordo com os dados encontrados, os fatores alvo de intervenção seriam o fortalecimento das relações com as amigas, as quais podem incrementar a satisfação de vida das meninas; o investimento em técnicas que desenvolvam a satisfação com as outras dimensões que não foram relatadas como importantes para a satisfação de vida por elas, como a satisfação com a família e com a autoeficácia; e ainda estratégias que promovam a experimentação de mais afetos positivos em detrimento da experiência de afetos negativos.

#### Considerações Finais

Este estudo teve por objetivo descrever o nível de afetos positivos e negativos, satisfação dos adolescentes com relação aos domínios específicos de suas vidas e bem-estar, considerando sexo e faixa etária. As análises realizadas não revelaram diferenças significativas entre as faixas etárias. Por outro lado, os resultados quanto ao sexo apontaram maiores níveis de satisfação de vida total, satisfação com a família, e nas dimensões autoeficácia e de bem-estar entre os meninos. As meninas relataram maior satisfação com as amigas, assim como maiores níveis de afetos negativos. Tais dados apontam para uma maior fragilização das meninas quanto ao modo como avaliam seu bem-estar.

Destaca-se que altos níveis de bem-estar na adolescência facilitam a passagem do jovem em meio a um período de intensas transformações, sendo que neste estudo a satisfação com a família, com as amigas, com a autoeficácia e com a não violência foram identificados como fatores mais importantes do bem-estar para os adolescentes da amostra. Assim, entende-se que a promoção desses aspectos contribui para o incremento do bem-estar nessa população. Dessa forma, intervenções com jovens, tanto no âmbito da saúde como da educação, devem enfatizar os relacionamentos familiares e entre o grupo de pares

com o intuito de melhorar a satisfação dos jovens nessas relações, as quais estão relacionadas com a satisfação com a vida. Ainda faz-se importante a implementação de ações direcionadas a comportamentos de não-violência, bem como de intervenções individuais que auxiliem a percepção da autoeficácia. Nesse sentido podem ser priorizados aspectos intrapsíquicos e sociais favoráveis ao desenvolvimento e relacionados ao bem-estar (Seligman & Csikszentmihalyi, 2000).

Com relação às limitações deste estudo, aponta-se que a medida utilizada para avaliar o bem-estar englobava dois instrumentos de autorrelato padronizados, com respostas fechadas, aplicados em um único momento no tempo. Tal metodologia pode vir a desconsiderar outras possíveis variáveis intervenientes, tendo em vista que o construto do bem-estar é complexo e multifacetado. Nesse sentido, pesquisas com metodologia qualitativa sobre o tema poderiam fornecer mais subsídios para entender as diferenças entre os sexos observadas neste estudo, buscando uma percepção mais contextual dos processos. Além disso, estudos longitudinais, que possibilitem a observação das variações do bem-estar ao longo da adolescência, podem trazer contribuições importantes para a compreensão desse construto.

### CAPÍTULO III

#### Relações entre exposição à violência intra e extrafamiliar e bem-estar subjetivo em adolescentes

##### Resumo

Estudos indicam que na adolescência há uma maior exposição a situações de violência intra e extrafamiliar, o que pode trazer consequências negativas ao bem-estar. Este estudo teve por objetivo identificar relações entre violência familiar e extrafamiliar e os níveis de bem-estar percebidos pelos adolescentes, considerando as variáveis sexo e idade. Participaram 426 adolescentes de escolas públicas de Porto Alegre, de ambos os sexos (62% do sexo feminino), com média de idade de 14,91 (DP=1,65), que responderam instrumentos sobre exposição à violência e bem-estar. Os resultados indicaram maior exposição à violência intrafamiliar entre as meninas e maior exposição à violência extrafamiliar entre os meninos, sendo a faixa etária de 16 a 18 anos mais exposta à violência intrafamiliar. Os meninos apresentaram maior bem-estar e menores níveis de afetos negativos do que as meninas. Diferenças significativas no bem-estar, na exposição dos adolescentes à violência e nas relações entre essas variáveis são discutidas.

Palavras chave: adolescência; violência; bem-estar.

##### Abstract:

In adolescence there is a large intrafamily and extrafamily violence exposure, which can bring negative consequences to well-being. This work aimed to identify relationships between intrafamily and extrafamily violence and the levels of well-being perceived by adolescents, considering sex and age. The participants were 426 adolescents from public schools of Porto Alegre of both sexes (62% were girls), with mean age 14.91 years old (SD=1.65), who answered an instrument about intrafamily and extrafamily violence and other about well-being. Results indicated more intrafamily violence exposure between girls and more extrafamily exposure between boys. The age group from 16 to 18 years was the most exposed to intrafamily violence. Boys related more well-being and less negative affect than girls. Significant differences in well-being, exposure to violence in adolescents and the relation between these variables are discussed.

Key words: adolescence; violence; well-being.

## Introdução

A violência foi definida, segundo a *World Health Organization* (WHO, 2002), como práticas contra si, contra outra pessoa ou contra um grupo que resulte morte, sofrimento, dano, desenvolvimento prejudicado ou privação, podendo ocorrer em diferentes contextos, envolvendo o uso da força física ou do poder, com ameaças, intimidações ou mesmo negligência ou omissão. Essa definição contempla uma divisão em categorias, a saber: violência autodirecionada (voltada para si mesmo, como o suicídio, por exemplo), interpessoal (violência intra e extrafamiliar) e coletiva (violência social, política e econômica). Em 2014, a WHO mantém essa definição e aponta que a violência persiste em muitos países como um grande desafio para a saúde pública.

Este estudo tem como foco a violência interpessoal, a qual é dividida entre intrafamiliar e extrafamiliar. A primeira também é chamada de violência doméstica e é perpetrada por alguém que mantenha laços significativos com a vítima. Dentro dessa classificação deve-se considerar ainda a violência familiar em que ocorre qualquer ação ou omissão baseada em questões de gênero, configurando a chamada violência de gênero (Brasil, Lei Maria da Penha, 2006). Já a segunda, também conhecida como violência comunitária, ocorre quando o agressor não pertence ao âmbito das relações familiares e acontece em outros locais (que não em casa) e que são frequentados pelos jovens (escola, bairro, trânsito, locais de trabalho, instituições de saúde, entre outros), cujos exemplos mais comuns são agressões, assaltos, estupros, roubos, com ou sem presença de armas (WHO, 2002).

Relatório da WHO (2014) revela que no ano de 2012 houve mais de um milhão de mortes de adolescentes de todo o mundo em decorrência, principalmente, de problemas relacionados à violência. No Brasil, da mesma forma, os adolescentes são o grupo mais exposto a diversos tipos de violência, apresentando altas taxas de mortalidade por causas externas, que englobam circunstâncias acidentais (quedas, acidentes de trânsito) e violentas (homicídio, suicídio), constituindo-se em um problema de saúde pública arraigado em uma complexa dinâmica social (CID-10, OMS, 1997; Minayo, 1990). Em 2009, as causas externas ficaram em primeiro lugar como responsáveis pela morte de adolescentes entre 10 e 19 anos (Ministério da Saúde, 2010).

Ao considerar-se o registro de ocorrências de violência com adolescentes, segundo dados do Ministério da Saúde (2013), no país 17,4% do total dos casos de violência

atendidos em serviços de saúde de urgência e emergência eram de jovens de 10 a 19 anos. Com relação aos adolescentes vítimas de violência doméstica, entre 2009 e 2010, houve 29.502 notificações em todo país. Em 26,5% dos casos a violência ocorria com repetição, sendo a violência física predominante (61%); o meio de agressão mais comum foi o uso de objeto perfurocortante (8,3%); e os pais foram os principais agressores (16,4%). Em 2011, no Rio Grande do Sul, foi constatado que 61% das mortes de jovens entre 15 e 24 anos ocorreu por causas violentas, entre as quais 32,3% em razão de homicídios; e apenas 29,5% dos jovens morreram devido a causas naturais (Waiselfisz, 2013). Levantamentos realizados em escolas com adolescentes demonstram a mesma magnitude do fenômeno. Em um *survey* realizado com 1.223 estudantes de escolas públicas de Porto Alegre de 13 a 20 anos, foi observado que 99,7% deles vivenciou algum tipo de violência na comunidade, sendo que 70,9% respondeu ter sido vítima direta. O incidente mais relatado, do qual os adolescentes foram vítimas, foi ter sido assaltado (28, 2%) (Zavaschi, Benetti, Polanczyk, Soles, & Sanchotene, 2002).

A adolescência caracteriza-se por ser uma etapa do desenvolvimento em que há uma reorganização psíquica e um esperado afastamento das figuras parentais, com maior autonomia (Barbosa & Wagner, 2013; Ozella & Aguiar, 2008) e, devido a esse afastamento de figuras de proteção, o jovem pode estar vulnerável a envolver-se em alguma situação de violência. Tal vulnerabilização pode ser observada no grande número de situações de risco presentes na adolescência, tais como gravidez não planejada, uso de drogas, risco de contrair doenças sexualmente transmissíveis, e em especial, o risco aumentado de morte por situação violenta, conforme dados epidemiológicos coletados em pesquisas nacionais e internacionais (Department of Health and Human Services, 2012; Ministério da Saúde, 2010).

Diante de tais dados, deve-se considerar os efeitos da exposição à violência na adolescência, pois as repercussões, de forma geral, são negativas e inúmeras. As situações de violência podem cessar, impedir ou retardar o desenvolvimento social, cognitivo e emocional, ou ainda potencializar o risco para o desenvolvimento de sintomas e/ ou psicopatologias (Koller & Antoni, 2004). Entre as consequências físicas, psíquicas e sociais, destaca-se aquelas relativas a questões de saúde mental e bem-estar dos jovens (WHO, 2010). Com efeito, podem ser observadas associações inversas entre componentes do bem-estar e violência, tais como as demonstradas em estudo de Callahan, Tolman e Saunders (2003), no qual foi avaliada a relação entre violência entre namorados adolescentes e bem-estar, em amostra com 190 estudantes de Ensino Médio de ambos os

sexos, utilizando questionários. Nesse estudo, meninos e meninas relataram altos níveis de violência interpessoal e esses estiveram relacionados a baixos níveis de satisfação de vida.

Bem-estar é um construto que se refere a uma avaliação cognitiva e emocional que uma pessoa faz a respeito de sua vida. A avaliação cognitiva corresponde ao conceito de satisfação de vida, a qual pode ser feita a respeito da vida de forma global, ou a partir de domínios (como família, escola, relacionamentos) selecionados pelo indivíduo como importantes para o seu bem-estar (Diener, 1984, 2006). Os determinantes para essa avaliação podem ser provenientes de condições externas e de fatores internos. O bem-estar, dentro desta concepção, é composto de um fator cognitivo e de um fator afetivo, o qual abrange os afetos positivos e negativos (Diener, 1984). O afeto positivo (AP) é definido como o quanto um indivíduo se sente ativo e entusiasmado, enquanto o afeto negativo (AN) corresponde ao quanto uma pessoa sente estados de humor aversivos como culpa ou raiva (Watson, Clark, & Tellegen, 1988).

No que diz respeito ao bem-estar de adolescentes, as pesquisas apontam algumas características que parecem mais associadas ao que o compõe. Ao mesmo tempo, é importante destacar que tal construto é complexo e dinâmico (Sarriera, Paradiso, Abs, Soares, Silva, & Fiuza, 2013), sendo influenciado por diversos fatores relacionados ao universo adolescente. Entre as variáveis consideradas fundamentais na avaliação do bem-estar está o sexo, sobre o qual ainda não há consenso. Um estudo europeu realizado com 2400 adolescentes encontrou diferenças relevantes de satisfação de vida entre os sexos (Reina, Oliva, & Parra, 2010). Ao mesmo tempo, os dados de outras pesquisas não revelam tais diferenças, como em estudos latinoamericanos (Benatuil, 2004; Sarriera, Saforcada, Tonon, Vega, Mozobancyk, & Bedin, 2012). Em outro estudo realizado com 271 adolescentes argentinos também não foram encontradas diferenças significativas por sexo e idade, embora variáveis como vínculos pessoais e aceitação de si mesmo foram capazes de diferenciar jovens com maiores ou menores níveis de bem-estar (Benatuil, 2004).

A diferença dos níveis de bem-estar entre os sexos também não foi identificada em estudo com 188 estudantes da oitava série de escolas estaduais da região metropolitana de Porto Alegre (Strelhow, Bueno, & Câmara, 2010). No entanto, Serafini e Bandeira (2011) realizaram pesquisa com 502 adolescentes de escolas públicas de Porto Alegre e observaram que as meninas se mostraram mais satisfeitas em alguns domínios de suas vidas (como a relação com amigos, colegas e professores e com as atividades escolares) em relação aos meninos. Para os meninos, a satisfação na relação com o pai e intimidade com ele foi significativamente maior em relação às meninas. Camargo, Abaid e Giacomoni

(2011) encontraram que a categoria família apareceu como mais importante para as meninas. As autoras discutiram tal resultado em termos de que esse comportamento de conversar e dividir experiências e sentimentos é mais comum no sexo feminino. Além disso, as meninas culturalmente são mais estimuladas a perceber e identificar sentimentos e estabelecer relacionamentos (Steinberg, 1999). Outro estudo que encontrou diferença entre os sexos foi o de Vera et al. (2008), realizado nos Estados Unidos com 151 adolescentes negros e de outros grupos étnicos, de 12 a 15 anos, de escolas públicas. Nessa pesquisa, o sexo explicou significativamente a variação nos afetos negativos, sendo que os meninos apresentaram menores índices.

A idade é também considerada por alguns autores como tendo importante impacto no bem-estar, sendo observada uma redução dos níveis desse com o avanço da adolescência, de acordo com pesquisa realizada em cinco países de diferentes continentes (Coenders, Casas, Figuer, & González, 2005). A pesquisa de Sarriera et al. (2012), com 640 adolescentes argentinos e brasileiros, indicou que dos 13 aos 16 anos há uma diminuição progressiva do bem-estar, o que foi discutido em termos de que com o avanço da idade o jovem precisa definir sua vida em termos de escolha de carreira, definição de identidade, as quais, por serem situações incertas e desafiadoras, propiciariam uma menor satisfação de vida.

Tendo em vista as consequências que a violência pode trazer ao bem-estar de adolescentes e as altas taxas de exposição a situações violentas na adolescência, torna-se relevante investigar as relações entre essas duas variáveis. Ainda que o bem-estar e a exposição à violência sejam fenômenos distintos e até mesmo antagônicos, ambos podem estar presentes e interagindo de alguma forma ao longo do desenvolvimento. De modo geral, eventos negativos recebem maior atenção em pesquisas devido ao seu potencial impacto ao bem-estar (Giacomoni, 2004). Ao mesmo tempo, tal construto permite discutir o desenvolvimento sob uma perspectiva positiva e configura-se com um efeito protetor ao desenvolvimento (Diener, 2000), pois maiores níveis de bem-estar estão associados a menores efeitos de impacto de situações violentas (Park, 2004; Sarriera et al., 2012). Discuti-lo na adolescência torna-se pertinente na medida em que o jovem está sob diferentes riscos, com destaque para a exposição à violência. Concomitantemente, tal etapa do desenvolvimento desempenha papel crucial, considerando que o jovem está formando sua identidade e tem um alto nível de potencial ainda a ser desenvolvido (Ozella & Aguiar, 2008; Steinberg, 1999).



Dessa forma, este estudo teve por objetivo investigar as relações entre a exposição à violência nos contextos familiar e extrafamiliar e bem-estar, considerando as variáveis sexo e idade.

## Método

### Participantes

Participaram deste estudo 426 adolescentes com idades entre 12 e 18 anos ( $M=14,91$ ;  $DP=1,65$ ), de ambos os sexos (sendo 62% do sexo feminino). Os participantes estudavam desde o sexto ano do Ensino Fundamental ao terceiro ano do Ensino Médio de escolas da rede pública de Porto Alegre/ RS, sendo que uma parte deles (9,9%) também relatou que trabalha. A maioria é solteiro (98,8%) e apenas (1,1%) referiu viver com companheiro.

### Instrumentos

Ficha de Dados Sociodemográficos: investiga dados como idade, sexo, série escolar, informações sobre trabalho, configuração familiar, repetência escolar, entre outros.

Exposição à Violência Intra e Extrafamiliar: essas variáveis foram avaliadas a partir de duas questões retiradas do Questionário da Juventude Brasileira (Dell’Aglío, Koller, Cerqueira-Santos, & Colaço, 2011). Este questionário é composto de 77 itens que avaliam fatores de risco e de proteção no desenvolvimento de adolescentes, mas foram utilizados para este estudo os itens 31 e 62, que investigam situações de abuso físico, psicológico e sexual em contexto intrafamiliar e na comunidade. Essas questões englobam cinco itens, respondidos de forma dicotômica (0=Não, 1=Sim): “ameaça ou humilhação”, “soco ou surra”, “agressão com objeto”, “mexeu no meu corpo contra minha vontade” e “relação sexual forçada”, além de indicar a frequência, autor e quão ruim foi a violência, na percepção do próprio adolescente. Quanto ao score final, os itens de violência familiar e violência extrafamiliar foram computados somando-se o número de respostas positivas em cada questão, podendo variar de 0 a 5 pontos.

Escala Multidimensional de Satisfação de Vida para Adolescentes (EMSVA) (Segabinazi et al., 2010): escala composta por 52 itens que avaliam sete dimensões da satisfação de vida de adolescentes: família, *self*, escola, *self* comparado, não violência, autoeficácia, e amizade. As respostas são em escala *Likert* de cinco pontos, variando de 1 (nem um pouco) a 5 (muitíssimo). No estudo original (Giacomoni, Höher, Wathier,

Segabinazi, & D'ávila, 2005) foi encontrada uma adequada consistência interna da escala ( $\alpha=0,93$ ).

Escala de Afetos Positivos e Negativos para Adolescentes (EAPNA) (Segabinazi, Zortea, Zanon, Bandeira, Giacomoni, & Hutz, 2012): a escala constitui-se de 32 adjetivos descritores de estados afetivos subjetivos, com opções de resposta em escala *Likert* de cinco pontos, variando de "nem um pouco" a "muitíssimo". O estudo (Segabinazi et al., 2012) demonstrou índices de consistência interna adequados avaliados por meio do alfa de *Cronbach* (0,88 para AP e para AN). A Escala Multidimensional de Satisfação de Vida para Adolescentes e a Escala de Afetos Positivos e Negativos para Adolescentes foram utilizadas para a avaliação do bem-estar, através da composição de um índice.

### Procedimentos e Considerações Éticas

Os aspectos éticos que garantem a integridade dos participantes foram assegurados de acordo com legislações brasileiras, tendo como base a Resolução nº 466 (Brasil, Conselho Nacional de Saúde, 2013) e o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990). O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS, sob protocolo nº 557.202. Foi realizado contato com a direção das escolas selecionadas por conveniência de diferentes regiões da cidade, as quais assinaram o Termo de Concordância da Instituição. Aos pais dos adolescentes participantes da pesquisa foi solicitada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assim como a assinatura de Termo de Assentimento por parte dos jovens. A aplicação dos questionários se deu forma coletiva nas escolas, com duração de aproximadamente 45 minutos. A partir dos dados coletados, quando foram observadas situações de risco pessoal, foi realizado contato com o adolescente a fim de prestar os encaminhamentos necessários a cada caso. Além disso, a equipe de pesquisa disponibilizou assistência quando algum participante referiu desconforto durante ou após preencher os instrumentos.

### Resultados

A Tabela 1 apresenta os dados referentes à exposição à violência intra e extrafamiliar por sexo e faixa etária (faixa 1=12 a 15 anos,  $n=255$ ; faixa 2=16 a 18 anos,  $n=170$ ). Um teste *t de Student* indicou que as meninas tiveram média mais alta de exposição à violência intrafamiliar, enquanto os meninos tiveram média mais alta na exposição à violência extrafamiliar, com diferença significativa ( $t=-3,11$ ;  $gl= 414,13$ ;  $p=0,002$  e  $t=3,37$ ;  $gl=292,92$ ;  $p=0,001$  respectivamente). A análise por faixa etária revelou

que há uma maior exposição à violência intrafamiliar entre os adolescentes mais velhos, com diferença estatisticamente significativa ( $t=-3,26$ ;  $gl=423$ ;  $p=0,001$ ).

Tabela 1. *Médias da Violência por Sexo e Faixa Etária*

		Masculino	Feminino	Faixa etária 1	Faixa etária 2
Violência intrafamiliar	Média	0,46	0,75	0,51	0,83
	DP	0,77	1,09	0,98	0,99
Violência extrafamiliar	Média	0,79	0,50	0,57	0,68
	DP	0,89	0,73	0,77	0,86
Violência total	Média	1,26	1,25	1,08	1,52
	DP	1,39	1,56	1,44	1,55

Para identificar os níveis de bem-estar foi construído um Índice de Bem-estar (IBE), utilizando os escores padronizados da Escala Multidimensional de Satisfação de Vida para Adolescentes (EMSVA) somados aos escores padronizados da Escala de Afetos Positivos e Negativos para Adolescentes (EAPNA), sendo os itens de afetos negativos invertidos para o cálculo. Para construir o IBE foi feita uma Análise dos Componentes Principais, pois esta permite criar um índice a partir das valências empíricas de seus componentes verificando o peso de cada um para o índice, ou seja, provenientes dos próprios dados (Field, 2009). Os componentes usados para criar o IBE são provenientes do modelo teórico proposto por Diener (1984) e Diener, Suh, Lucas e Smith (1999), que considera as variáveis satisfação de vida, afetos positivos e afetos negativos para composição do bem-estar. A Tabela 2 apresenta os escores brutos e padronizados mínimo e máximo de cada componente e do IBE.

Tabela 2. *Escores Brutos e Padronizados de Satisfação de Vida, Afetos Positivos, Afetos Negativos e do Índice de Bem-estar*

	Satisfação de Vida	Afetos Positivos	Afetos Negativos	Índice Bem- estar
Escore Bruto				
Mínimo	100	16	14	69
Máximo	256	70	63	311
Média	199,60	50,91	24,77	225,72
DP	28,11	10,88	10,08	42,88
Escore Padronizado				
Mínimo	-1,52	-2,42	-0,86	-3,37
Máximo	1,73	1,94	1,41	2,78
Média	-0,008	-0,01	0,01	-0,009
DP	0,56	0,76	0,44	1,004

A Tabela 3 apresenta as médias padronizadas de SV, AP, AN e do IBE, por sexo e faixa etária. Foram realizadas análises com o teste *t de Student* para verificar diferenças nas variáveis investigadas. Em relação ao AN, os meninos apresentaram menores níveis do que as meninas, havendo diferença significativa ( $t=-4,06$ ;  $gl=424$ ;  $p<0,0001$ ). No que diz respeito às diferenças por faixas etárias, os resultados não revelaram diferenças estatisticamente significativas. Em relação ao IBE, foi observado que os meninos apresentaram maior bem-estar em relação às meninas, com diferença significativa ( $t=2,76$ ;  $gl=424$ ;  $p=0,006$ ).

Tabela 3. Médias de SV, AP, AN e IBE por Sexo e Faixa Etária

		Masculino	Feminino	Faixa etária 1	Faixa etária 2
Satisfação de Vida	Média	0,08	-0,05	0,004	-0,008
	DP	0,54	0,57	0,57	0,54
Afetos Positivos	Média	0,03	-0,04	-0,01	-0,01
	DP	0,71	0,79	0,79	0,73
Afetos Negativos	Média	-0,09	0,08	0,007	0,03
	DP	0,42	0,44	0,47	0,40
Índice de Bem-estar	Média	0,16	-0,10	0,01	-0,02
	DP	0,93	1,02	1,04	0,93

Para verificar as relações entre exposição à violência e bem-estar foram utilizadas as correlações de *Pearson*. A Tabela 4 apresenta os resultados dessas correlações.

Tabela 4. Correlações entre Violência e Variáveis investigadas

	Afetos positivos	Afetos negativos	Satisfação de vida	Índice de Bem-estar
Violência intrafamiliar	-0,16*	0,34*	-0,32*	-0,32*
Violência extrafamiliar	-0,07	0,26*	-0,24*	-0,23*
Violência total	-0,14*	0,36*	-0,35*	-0,34*

\* $p=0,01$

Como se pode observar, foram encontradas correlações significativas entre exposição à violência intra e extrafamiliar e bem-estar, bem como com as variáveis que o compõem, exceto entre violência extrafamiliar e afetos positivos. O índice mais alto de correlação ocorreu entre violência total e afetos negativos.

## Discussão

Os resultados da análise da exposição à violência quanto à variável idade indicaram que os jovens de 16 a 18 anos apresentam médias mais altas de exposição à violência intrafamiliar. Esse resultado pode ser compreendido a partir das diferenças existentes entre a fase inicial e fases mais avançadas da adolescência. Na faixa etária de 16 anos em diante, os adolescentes apresentam preocupações diferentes das manifestadas pelos adolescentes iniciais. Adolescentes mais jovens tendem a se ocupar com questões advindas das mudanças corporais pelas quais passam (Steinberg, 1999), estando esses mais próximos das figuras parentais. Os mais velhos estão na busca por um lugar social e pelos projetos profissionais, de forma que se intensifica o distanciamento do núcleo familiar (Sarriera et al., 2012). Esse distanciamento pode expor mais esses adolescentes a situações estressoras e em que não se encontram tão protegidos pelo ambiente familiar. Por outro lado, outro fator que pode aumentar o relato de exposição à violência nessa faixa etária é a maior prevalência, entre adolescentes mais velhos, de engajamento em diferentes comportamentos de risco, os quais podem expor os jovens a mais situações de violência (Coutinho, Santos, Folmer, & Puntel, 2013; Farias Júnior, Nahas, Barros, Loch, Oliveira, De Bem, & Lopes, 2009).

Com relação às diferenças na exposição à violência entre os sexos, os resultados mostraram maior vitimização de meninos no contexto extrafamiliar, o que reforça dados de outros levantamentos (Ministério da Saúde, 2010). Estudos sobre violência comunitária têm demonstrado que os meninos, especialmente os mais velhos, estão mais expostos a se envolver em situações deste tipo do que as meninas. Isso ocorre provavelmente devido à exposição inerente ao processo de voltar-se para o meio social e passar mais tempo fora de casa, fato que é mais observado entre jovens do sexo masculino (Benetti, Gama, Vitolo, Silva, D'Ávila, & Zavaschi, 2006; Zavaschi et al., 2002) e, do mesmo modo, mais aceito e estimulado socialmente. Além disso, meninos apresentam mais comportamentos externalizantes, entre os quais os comportamentos agressivos, que podem colocá-los em risco para situações violentas (Steinberg, 1999).

A maior ocorrência de situações de violência no ambiente familiar, entre as meninas, encontrada nesse estudo, também foi observada em outras pesquisas nacionais (Antoni & Koller, 2000; Ministério da Saúde, 2010). Esses dados podem indicar que as meninas são mais vulneráveis à vitimização dentro de casa quando comparadas aos meninos, o que pode ser explicado através das diferenças socialmente estimuladas e esperadas de gênero, bem como da violência de gênero. Mesmo que tenham ocorrido

mudanças importantes nas últimas décadas no que diz respeito às diferenças e divisão de papéis e tarefas desempenhados socialmente e no contexto da família, ainda perduram atribuições de gênero, baseadas na ideia de patriarcado, culturalmente estabelecidas e reforçadas em nossa sociedade (Saffioti, 2008).

Considerando que o processo de socialização de meninos e meninas prevê a função de papéis socialmente construídos e aceitos (Bueno, 2006), meninas são mais estimuladas a ficarem em casa, por vezes com o intuito de que cumpram funções domésticas, as quais ainda são percebidas como tipicamente femininas. Por sua vez, os meninos são incentivados a saírem de casa e ajudar no orçamento familiar, sendo essas atribuições percebidas como esperadas também pelos próprios adolescentes (Yépes-Traverso & Pinheiro, 2005) constituindo as características e papéis de gênero socialmente construídos (Saffioti, 2008). Dessa forma, tais concepções culminam muitas vezes na chamada violência de gênero, a qual, especialmente no contexto familiar, pela proximidade entre vítima e agressor, torna as mulheres mais vulneráveis dentro do sistema de desigualdade (Brasil, Lei Maria da Penha, 2006).

Em suma, ao integrar os dados mostrados neste estudo em relação às diferenças por sexo, apontam-se algumas hipóteses para as meninas terem apresentado “desvantagem” em relação aos meninos. A exposição à violência familiar, a qual no caso das meninas está mais relacionada à dinâmica da violência de gênero (Saffioti, 2008) e tem como perpetrador uma pessoa com vínculo próximo de confiança, pode ter influenciado negativamente a percepção dos afetos positivos por elas, assim como pode ter aumentado a experimentação de afetos negativos. Junto a isso, pontua-se que a experiência dos afetos caracteriza-se por ser mais imediata e subjetiva em relação ao ambiente e às pessoas que cercam o indivíduo, o que torna a avaliação dos afetos mais lábil e sujeita às condições dos fatores externos presentes na vida do indivíduo (Diener, Smith & Fujita, 1995). A maior exposição a situações de violência na família perpetradas por pessoas com laços significativos contribui para uma menor percepção de sentimentos positivos entre elas, enquanto que maior satisfação de vida tem sido relacionada a viver em um ambiente protetor e com pessoas que valorizam emoções positivas (Bastian, Kuppens, Roover, & Diener, 2014). Além de estarem mais expostas à violência no ambiente familiar, as meninas tipicamente dão mais atenção a estados internos do que os meninos (Fujita, Diener, & Sandvik, 1991; Poletto & Koller, 2011), o que também pode explicar o maior relato de afetos negativos entre elas.

Não foi encontrada correlação significativa entre violência extrafamiliar e afetos positivos, podendo-se levantar a hipótese de que quando a violência é perpetrada por algum desconhecido não afeta tanto os níveis de afeto positivo como quando a violência é perpetrada no ambiente familiar. Pode-se pensar que os afetos positivos são mais influenciados pelo tipo de vínculo estabelecido entre o perpetrador e a vítima, sendo que quando a violência é imposta por alguém próximo e que supostamente deveria exercer um papel de proteção e cuidado ao adolescente, o efeito pode ser pior. Isso remete à dinâmica da violência, na qual se deve considerar os diferentes fatores envolvidos, tal como o grau de relacionamento entre a vítima e o agressor (Nurcombe, 2000). Nesse caso, a violência intrafamiliar é considerada fator de risco, pois nela é comum a utilização da relação de confiança entre as partes, principalmente nos casos de violência sexual, na qual está presente a dinâmica do segredo (Habigzang, Ramos, & Koller, 2011). Além disso, algumas vezes a violência se apresenta como uma forma de os cuidadores demonstrarem atenção ao adolescente, sendo considerada como uma prática educativa pelos pais (Patias, Siqueira & Dias, 2012).

No que diz respeito às relações entre a exposição à violência e o bem-estar, destacaram-se as correlações significativas negativas entre exposição à violência intra e extrafamiliar e bem-estar, também observadas em outros estudos (Callahan et al., 2003; WHO, 2010). Esse resultado reforça a ideia de que a exposição à violência está associada a uma menor satisfação de vida e afetos positivos. O índice mais alto de correlação ocorreu entre violência total e afetos negativos, sugerindo que afetos negativos parecem aumentar conforme maior é a exposição à violência tanto dentro como fora de casa. Ainda deve-se considerar que a maior experimentação de afetos negativos pode prejudicar a avaliação do bem-estar pelo adolescente sem, contudo, que esse resultado possibilite afirmar a direção dessa relação.

Tendo em vista os achados deste estudo, levanta-se a hipótese de que a percepção de bem-estar pelo adolescente pode favorecê-lo em situações nas quais é exposto à violência, de modo que consiga prosseguir o curso de seu desenvolvimento com os prejuízos associados a essa situação minimizados (McDonald et al., 2011). Nesse sentido salienta-se a necessidade de não tratar a questão da exposição à violência na adolescência unicamente sob a ótica das suas repercussões negativas. Devem ser considerados igualmente os recursos positivos de que os jovens dispõem para o enfrentamento e favorecimento do desfecho da situação, incluindo o bem-estar, visando ter uma visão mais integrada e atual sobre o adolescente em consonância com os pressupostos da psicologia



positiva. Seguindo essa tendência, o mais apropriado seria o enfrentamento da violência através de ações preventivas ou interventivas, associadas à promoção do bem-estar entre os jovens.

Entre as estratégias de prevenção à violência pode-se citar o desenvolvimento e treinamento de habilidades de relacionamento e sociais (Martins et al., 2014), considerando que em alguns casos as situações de violência ocorrem como uma tentativa de resolver conflitos resultantes de repertório comportamental em habilidades sociais pobres (Gonzalez et al., 2010). Há ainda as ações que buscam prevenir a repetição da violência pelo jovem que foi exposto a alguma situação violenta (Gonzalez et al., 2010). Enquanto nas ações interventivas é importante utilizar a rede de proteção e fazer os encaminhamentos necessários, dadas as particularidades de cada caso (Estatuto da Criança e do Adolescente, 1990). Ao mesmo tempo, a promoção do bem-estar pode se dar em nível de intervenções pontuais até estratégias embasadas em programas vinculados ao sistema de saúde, como, por exemplo, o Programa de Saúde do Adolescente (PROSAD, 1996), que busca contemplar a prevenção da saúde do adolescente como um todo.

#### Considerações Finais

Este estudo teve por objetivo identificar as frequências da violência intrafamiliar e extrafamiliar. Também foram verificados os níveis de bem-estar e as relações entre a exposição à violência e bem-estar, considerando as variáveis sexo e idade.

Observou-se que adolescentes mais velhos relataram maior exposição à violência intrafamiliar, o que pode estar relacionado a questões da adolescência final como maior distanciamento e conflitos na família (Sarriera et al., 2012). Ainda deve-se considerar o maior engajamento em comportamentos de risco, o qual se mostra relacionado com a violência (Coutinho et al., 2013; Farias Júnior et al., 2009). Os resultados indicaram também que meninas estão mais expostas à violência dentro de casa e meninos são as maiores vítimas da violência comunitária, o que evidencia algumas diferenças relacionadas a estereótipos de gênero ainda existentes em nossa sociedade (Saffioti, 2008) e que ganham expressão na violência. Além disso, meninos apresentaram maiores níveis de bem-estar e menores níveis de afetos negativos do que as meninas, o que sugere diferenças entre os sexos na maneira de experienciar e expressar afetos e que têm relação com os papéis esperados de gênero.

Quanto às correlações encontradas, este estudo reforça achados anteriores, ao mostrar a associação inversa entre violência e bem-estar. Os resultados ainda sugerem que

afetos positivos são mais influenciados quando a violência é perpetrada por alguém próximo e que supostamente deveria exercer um papel de proteção e cuidado ao adolescente, e que os jovens não são tão afetados quando o agressor é externo ao âmbito familiar. Por outro lado, os afetos negativos parecem ser mais influenciados quanto maior é a exposição à violência.

As contribuições deste estudo vão ao encontro do pressuposto de uma visão mais integrada sobre o adolescente, ao não tratar a questão da exposição à violência na adolescência apenas sob o viés das consequências negativas ao desenvolvimento. Devem ser valorizados os recursos pessoais dos jovens, entre os quais o bem-estar, que possam atuar como mediadores para o melhor encaminhamento da situação. Dessa forma, destaca-se a importância dos estudos sobre os recursos pessoais e fatores de proteção presentes nos contextos de inserção dos jovens.

Quanto às limitações do presente estudo, deve-se apontar que a violência se constitui num fenômeno complexo e com diferentes fatores envolvidos, tanto em relação às suas características, como a forma, grau, duração e proximidade com o agressor; quanto em relação às características pessoais da vítima. Sendo assim, os resultados aqui descritos devem ser interpretados com certo cuidado, pois a medida utilizada para verificar a exposição à violência dos adolescentes contém limitações, pois foram usadas perguntas que captavam apenas alguns aspectos dos tipos de violência, cujas respostas eram fechadas, preenchidas pelo próprio participante e realizadas em um único momento no tempo. Outras formas de violência, assim como demais características dos contextos em que ela ocorre, poderiam ser mais bem avaliadas por meio de instrumentos mais detalhados, ou ainda em estudos com metodologia qualitativa, que abordem o fenômeno de outra perspectiva (como em Mosavel, Ahmed, & Simon, 2012). Nesse sentido, é importante ter cautela ao inferir relações de causalidade entre violência e bem-estar, uma vez que as medidas de associação utilizadas nesta dissertação não se prestam a esse tipo de conclusão. Pode-se pensar que tanto a exposição à violência pode reduzir os níveis de bem-estar, em razão das consequências negativas que essa pode trazer, como ao mesmo tempo, também poderia se levantar a hipótese de que adolescentes que já apresentam menores níveis de bem-estar podem estar mais vulneráveis à vitimização, a exemplo da discussão feita por Callahan et al. (2003).

Ainda deve-se atentar para o viés que o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pode ter trazido ao estudo, uma vez que os pais ou responsáveis precisavam assiná-lo para liberar a participação dos adolescentes na pesquisa. Dessa forma, é possível

que jovens que sofrem algum tipo de violência por parte dos familiares não tenham feito parte da amostra. Alguns responsáveis podem não ter permitido a participação dos adolescentes na pesquisa para não expor a própria família ou por receio de serem identificados como agressores- ainda que a garantia de sigilo estivesse colocada- tendo em vista que os objetivos da pesquisa estavam explícitos no TCLE.

Nesse sentido, sugere-se que novos estudos sobre esse tema possam adotar um delineamento longitudinal, com um acompanhamento mais sistemático dos adolescentes. Tal estratégia metodológica permitiria criar maior aproximação com os jovens, antes de coletar os dados, evitando que sentimentos, preconceitos, tabus ou ainda algum tipo de sofrimento ou revivência de sentimentos negativos relacionados à situação de violência pudesse ocorrer nos jovens. Com efeito, a coleta de dados poderia trazer resultados mais específicos e aprofundados em relação ao fenômeno estudado. Estudos longitudinais também serviriam para acompanhar a estabilidade do bem-estar ao longo da adolescência, uma vez que não há consenso nas pesquisas a respeito de como esse construto evolui ao longo do tempo, considerando as faixas etárias e evolução da adolescência ou sobre como se manifesta para cada sexo (Coenders et al., 2005; Sarriera et al., 2012).

## CAPÍTULO IV

### Considerações Finais

Esta dissertação abordou satisfação de vida, afetos positivos e negativos como elementos do bem-estar subjetivo em adolescentes e suas relações com a exposição à violência intra e extrafamiliar. Este trabalho investigou os níveis de bem-estar dos adolescentes, os níveis de exposição à violência e as relações entre essas variáveis, considerando o enfoque da psicologia positiva.

O primeiro estudo investigou os níveis de bem estar, satisfação de vida, satisfação com dimensões específicas da vida e de afetos positivos e negativos em adolescentes, considerando sexo e idade. Os resultados não indicaram diferenças significativas entre as faixas etárias. Porém, foram encontradas diferenças entre os sexos. Os meninos apresentaram maior bem-estar, mais satisfação de vida, mais satisfação com a família, com a autoeficácia e com a não violência em relação às meninas. Já elas apresentaram mais satisfação com as amigas e maiores níveis de afetos negativos.

O segundo estudo buscou identificar a exposição à violência intra e extrafamiliar dos adolescentes e relacioná-la ao bem-estar. Os resultados mostraram maior exposição à violência intrafamiliar entre as meninas e maior exposição à violência extrafamiliar entre os meninos, sendo a faixa etária de 16 a 18 anos a que mais foi exposta à violência intrafamiliar.

Em conjunto, os dados de ambos os estudos apresentaram diferenças significativas entre os sexos tanto em relação ao bem-estar, à exposição à violência como nas relações entre essas variáveis. As meninas apresentaram-se como mais vulneráveis à vitimização no ambiente familiar quando comparadas aos meninos, o que foi discutido através de questões relacionadas a estereótipos de gênero. Elas também relataram menor bem-estar, menor satisfação com suas vidas e experienciaram mais afetos negativos quando comparadas aos meninos. Esses resultados sinalizam uma maior fragilização das meninas e servem como indicadores da necessidade da promoção de aspectos saudáveis e promotores de desenvolvimento positivo entre elas. Além disso, os dados mostram coerência ao identificar que elas relatam menos satisfação com suas famílias, pois estão mais expostas à violência no ambiente familiar. Também sentem menos satisfação com suas crenças de que têm capacidade para realizar tarefas, o que está relacionado à autoeficácia. Assim como

não consideram o não envolvimento em situações de violência como um fator importante para seu bem-estar em comparação aos meninos, o que pode estar relacionado ao fato de elas serem as mais expostas à violência intrafamiliar, a qual parece exercer um pior impacto negativo ao bem-estar.

Os resultados desta dissertação indicaram que a exposição à violência está associada a uma menor satisfação de vida e afetos positivos, o que já tem sido verificado em estudos anteriores. O índice mais alto de correlação ocorreu entre violência total e afetos negativos, sugerindo que afetos negativos parecem aumentar conforme maior é a exposição à violência tanto dentro como fora de casa. Além disso, quanto maior a percepção de afetos negativos esses podem influenciar a avaliação positiva da satisfação de vida e o relato de afetos positivos, o que contribui para o menor bem-estar relatado (Diener & Seligman, 2004).

Não houve correlação significativa entre violência extrafamiliar e afetos positivos, o que foi discutido em termos de que quando a violência é perpetrada por algum desconhecido não afeta tanto os níveis de afeto positivo como quando a violência é perpetrada no ambiente familiar. Pode-se pensar que os afetos positivos são mais influenciados pelo tipo de vínculo estabelecido entre o perpetrador e a vítima, sendo que quando a violência é imposta por alguém próximo e que supostamente deveria exercer um papel de proteção e cuidado ao adolescente, o efeito pode ser pior, remetendo aos fatores envolvidos na dinâmica da violência (Nurcombe, 2000). Frente aos resultados da exposição à violência, indica-se a continuidade de levantamentos e estudos que produzam subsídios para intervenções baseadas em evidências quanto à violência na adolescência. A partir disso, sugere-se investimento em ações de prevenção através do treinamento em habilidades sociais e afetivas, haja vista as evidências do uso da violência como uma forma equivocada de resolução de conflitos (Gonzalez et al., 2010; Martins et al., 2014), como também estratégias que busquem prevenir a repetição do comportamento violento pelo adolescente que já foi vítima (Gonzalez, Saura, Rodriguez, & Guadalupe, 2010).

Na amostra deste estudo, a satisfação com a família, com as amigas, com a autoeficácia e com a não violência despontaram como as dimensões mais importantes do bem-estar, as quais já estão presentes na vida dos adolescentes e podem ser estimuladas. Especificamente esses dados podem contribuir em intervenções de promoção de bem-estar com adolescentes de forma geral. Em particular, podem ser relevantes entre os que relatam exposição à violência, principalmente no contexto familiar, o qual parece mais afetar os aspectos positivos do bem-estar. No caso específico das meninas, as quais demonstraram

menor bem-estar do que os meninos, destaca-se a necessidade de estimular a maior experimentação dos afetos positivos, restringindo os afetos negativos, bem como intervenções que estimulem a satisfação em dimensões da vida que não foram relatadas como relevantes por elas, tais como a satisfação com a família e com a autoeficácia.

Outro ponto a ser destacado neste trabalho é a forma como foi mensurado o bem-estar subjetivo. Foi utilizada uma medida (Índice de Bem-estar) que integra satisfação de vida e afetos positivos e negativos, por meio da utilização de dois instrumentos validados para essa população. Essa medida única representa um avanço na área do bem-estar subjetivo e está em consonância com o modelo teórico que o originou (Diener, 1984; Diener et al., 1999; Segabinazi et al., 2012). Contudo, pontua-se que tal medida deve ser melhor investigada em futuros estudos, a fim de obter mais evidências de sua consistência e evidências de fidedignidade.

Neste trabalho, os dados obtidos a partir da avaliação do bem-estar foram relacionados à exposição à violência vivenciada pelos adolescentes, fornecendo parâmetros de quais dimensões do bem-estar são mais afetados pela violência no contexto intra e extrafamiliar nos meninos e meninas de diferentes faixas etárias, indo ao encontro dos achados da literatura sobre o assunto. Assim, esta dissertação insere-se entre os estudos sobre violência que apontam para uma mudança de perspectiva a respeito dessa problemática, pois não enfoca apenas as repercussões negativas dessa situação estressora no desenvolvimento dos adolescentes, o que está de acordo com a proposta da linha de estudos da psicologia positiva (Passareli & Silva, 2007). Mesmo que se pontue o resultado da relação negativa entre a exposição à violência e o bem-estar encontrado, este estudo chama a atenção para quais aspectos do bem-estar dos jovens estão preservados, com os quais se pode contar como fatores protetores em situações de violência, bem como quais podem ser alvo de ações de promoção de saúde.

Ainda a respeito do estudo do bem-estar subjetivo, considera-se que a maioria dos jovens elenca a felicidade como algo muito importante para si (Diener, 2000), o que indica a importância de obter evidências científicas a respeito da constituição do fenômeno do bem-estar e da felicidade e de como desenvolvê-los. Segundo autores da psicologia positiva, houve uma inversão na ciência psicológica ao longo da história da psicologia, na medida em que essa por muito tempo destacou a psicopatologia, sofrimento e tratamento como temas principais de interesse, quando primeiramente deveria se atentar e investir no que as pessoas já têm de características, recursos e forças pessoais ou contextuais que lhes favorecem na vida (Seligman & Csikszentmihalyi, 2000). De modo que pontua-se que o

bem-estar ou a felicidade não se resume à ausência de problemas sociais ou psicológicos, mas inclui a dimensão positiva do sentir-se bem e considerar a própria vida boa.

Nesse sentido, este estudo buscou identificar primeiramente o aspecto positivo já existente na vida dos adolescentes, em que medida ele se mostrou evidente, apesar da exposição à violência, fornecendo algumas evidências do que pode promovê-lo. Essa alternativa na escolha da maneira de estudar o fenômeno pode estar baseada na hipótese de que exista uma tendência de que a maioria das pessoas sejam felizes (Diener, Kanazawa, Suh, & Oishi, 2014). Isso porque, segundo revisão de literatura realizada por Diener et al. (2014), estados de espírito positivos estão associados a comportamentos adaptativos e de sobrevivência da espécie, tais como os relacionados à sociabilidade, a estratégias de lidar com demandas do ambiente, saúde e longevidade. De acordo com essa proposta, o esperado seria que a maioria dos adolescentes relatasse altos níveis de afetos positivos e satisfação de vida. Porém, devido à influência da exposição à violência, bem como de outras variáveis não controladas, as meninas deste estudo mostraram uma tendência que as prejudicou em sua percepção de bem-estar, a qual foi discutida anteriormente em termos de características e papéis associados e esperados quanto ao sexo feminino, assim como quanto a atribuições de gênero.

Tendo em vista as considerações a respeito das intervenções de prevenção e promoção de saúde destacadas neste trabalho, a seguir será descrito o trabalho de devolução dos resultados da pesquisa realizada nas escolas participantes. Tal atividade teve como base estratégias para trabalhar a questão da prevenção à violência.

As pesquisadoras responsáveis, em conjunto com alunas da Iniciação Científica, realizaram intervenções pontuais com algumas das turmas que participaram da pesquisa. Paralelamente a essa intervenção nas turmas, foram realizadas intervenções individuais com adolescentes que relataram exposição a situações de violência sexual, sendo acolhidos e encaminhados de acordo com a necessidade.

Cabe destacar que apenas duas escolas participaram da intervenção coletiva proposta, atendendo ao desejo e disponibilidade de tempo e espaço concedido por cada colégio. As turmas selecionadas para participarem das intervenções foram escolhidas de acordo com a necessidade percebida pelos professores e também pela disponibilidade de tempo e espaço.

A intervenção foi focal, realizada através de um encontro, com cada turma de cada escola, para discutir violências cotidianas. Foram realizados cinco grupos com uma média de 25 alunos, com idades entre 12 e 18 anos, estudantes do Ensino Fundamental e Médio.

Em cada um dos encontros, seguiu-se um roteiro pré-estabelecido construído em conjunto com o grupo de pesquisa, o qual incluía uma dinâmica de sensibilização para a violência. Essa dinâmica concentrou-se em aspectos como “temos os olhos vendados para a violência?”, “qual nossa postura e nossas atitudes ante a situação violentas?”, “qual o nosso papel enquanto “plateia” dessas situações?”, “alguém já presenciou casos como esses na escola, na comunidade ou na família?”, “o que fazer em situações como essas?”. A seguir foi passado um vídeo de 12 minutos sobre o ciclo da violência, após o qual foi proposta uma discussão sobre violências cotidianas e a forma como cada violência pode ser desencadeadora da violência seguinte. Por fim, os adolescentes foram convidados a produzir cartazes que mostrassem formas de prevenção à violência, no qual foram incluídas frases, palavras e desenhos. Ainda foi entregue aos jovens uma lista de telefones e endereços úteis da rede de apoio para adolescentes. Esse trabalho possibilitou conhecer a realidade dos estudantes sobre as violências cotidianas, tanto no ambiente familiar como na escola, promovendo interação entre pesquisadores e estudantes e configurando-se como uma oportunidade para reflexão e discussão sobre o tema foco da intervenção.

Identificou-se que há aceitação da violência e que esta é reproduzida, mostrando sua presença banalizada e como parte da realidade no cotidiano dos adolescentes. Diante disso, considera-se importante alterar as concepções que banalizam a violência através da conscientização acerca de seus efeitos prejudiciais e de uma sensibilização para a necessidade de prevenir a violência e promover relações interpessoais mais saudáveis. É necessário, ainda, destacar a relação entre os adolescentes e a escola, a qual potencialmente mostra-se como um ambiente protetivo e capaz de promover o desenvolvimento psicossocial saudável dos estudantes.

Contudo, ressalta-se que foi realizada uma intervenção pontual, feita em apenas um encontro com cada grupo e com poucas turmas de cada escola. De forma que intervenções mais sistemáticas com um trabalho contínuo sobre o tema da violência e que atinja uma maior parcela dos estudantes seria mais adequado para abordar o tema e promover relações mais positivas entre os adolescentes.

Com relação às limitações desta dissertação, cabe ressaltar a utilização dos instrumentos para avaliar o bem-estar e a violência. Essa última se constitui num fenômeno complexo e com diferentes fatores envolvidos, tanto em relação às suas características, como a forma, grau, duração e proximidade com o agressor; quanto em relação às características pessoais da vítima. Sendo assim, os resultados descritos devem ser interpretados com certo cuidado, pois a medida utilizada para verificar a exposição à



violência dos adolescentes contém limitações, porque foram usadas perguntas que captavam apenas alguns aspectos dos tipos de violência, cujas respostas eram fechadas, de autorrelato e realizadas em um único momento no tempo. Nesse sentido, é importante ter cautela ao inferir relações de causalidade entre violência e bem-estar, uma vez que as medidas de associação utilizadas não se prestam a esse tipo de conclusão. Pode-se pensar que tanto a exposição à violência pode reduzir os níveis de bem-estar, em razão das consequências negativas que essa pode trazer, como ao mesmo tempo, também poderia se levantar a hipótese de que adolescentes que já apresentam menores níveis de bem-estar podem estar mais vulneráveis à vitimização, a exemplo da discussão feita por Callahan et al. (2003).

Ainda deve-se atentar para o viés que o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pode ter trazido ao estudo, uma vez que os pais ou responsáveis precisavam assiná-lo para autorizar a participação dos adolescentes na pesquisa. Dessa forma, é possível que jovens que sofrem algum tipo de violência por parte dos familiares não tenham feito parte da amostra. Alguns responsáveis podem não ter permitido a participação dos adolescentes na pesquisa para não expor a própria família ou por receio de serem identificados como agressores- ainda que a garantia de sigilo estivesse colocada- tendo em vista que os objetivos da pesquisa estavam explícitos no TCLE.

Tendo sido feitas essas considerações, sugere-se que novos estudos sobre esse tema possam adotar um delineamento longitudinal, com um acompanhamento mais sistemático dos adolescentes. Tal estratégia metodológica permitiria criar maior aproximação com os jovens, antes de coletar os dados, evitando que sentimentos, preconceitos, tabus ou ainda algum tipo de sofrimento ou revivência de sentimentos negativos relacionados à situação de violência pudesse ocorrer nos jovens. Com efeito, a coleta de dados poderia trazer resultados mais específicos e aprofundados em relação ao fenômeno estudado. Estudos longitudinais também serviriam para acompanhar a estabilidade do bem-estar ao longo da adolescência, uma vez que não há consenso nas pesquisas a respeito de como esse construto evolui ao longo do tempo, considerando o avanço da adolescência e as diferenças para cada sexo (Coenders et al., 2005; Sarriera et al., 2012). Para tanto, seriam interessantes futuras pesquisas com metodologia qualitativa pelo seu potencial de fornecer novos elementos que os dados quantitativos não permitem identificar, a fim de investigar melhor as diferenças entre os sexos descritas neste trabalho.

## Referências

- Aires, M. T., Auquier, P., Robitail, S., Werneck, G. L., & Simeoni, M.-C. (2011). Cross-cultural adaptation and psychometric properties of the Brazilian-Portuguese version of the VSP-A (Vécu et Santé Perçue de l'Adolescent), a health-related quality of life (HRQoL) instrument for adolescents, in a healthy Brazilian population. *BMC Pediatrics*, *11*, 8. doi:10.1186/1471-2431-11-8
- Andrade, S. S. C. A., Yokota, R. T. C., Sá, N. N. B., Silva, M. M. A., Araujo, W. N., Mascarenhas, M. D. M., & Malta, D. C. (2012). Relação entre violência física, consumo de álcool e outras drogas e bullying entre adolescentes escolares brasileiros. *Cadernos de Saúde Pública*, *28*(9), 1725-1736. DOI 10.1590/S0102-311X201200090001
- Antoni, C., & Koller, S. H. (2000). A visão da família entre as adolescentes que sofreram violência intrafamiliar. *Estudos de Psicologia*, *5*(2), 347-381. DOI: 10.1590/S1413-294X2000000200004
- Barbosa, P. V., & Wagner, A. (2013). A autonomia na adolescência: Revisando conceitos, modelos e variáveis. *Estudos de Psicologia (UFRN)*, *18*, 649-658. DOI 10.1590/S1413-294X2013000400013
- Barreira, A. K., Lima, M. L. C., & Avanci, J. Q. (2013). Coocorrência de violência física e psicológica entre namorados adolescentes do Recife, Brasil: Prevalência e fatores associados. *Ciência e Saúde coletiva*, *18*(1), 233-243. DOI 10.1590/S1413-81232013000100024
- Bastian, B., Kuppens, P., De Roover, K., & Diener, E. (2014). Is valuing positive emotion associated with life satisfaction? *Emotion*, *14*, 639-645. DOI: 10.1037/a0036466
- Benatuil, D. (2004). El bienestar psicológico en adolescentes desde una perspectiva cualitativa. *Psicodebate: Psicología, Cultura y Sociedad*, *3*, 43-58.
- Benetti, S. P. C. (2006). Conflito conjugal: Impacto no desenvolvimento psicológico da criança e do adolescente. *Psicologia Reflexão e Crítica*, *19*, 261-268. DOI: 10.1590/S0102-79722006000200012
- Benetti, S. P. C., Gama, C., Vitolo, M., Silva, M. B., D'Ávila, A., & Zavaschi, M. L. (2006). Violência comunitária, exposição às drogas ilícitas e envolvimento com a lei na adolescência. *Psico PUCRS*, *37*(3), 279-286.

- Benetti, S. P. C., Pizetta, A., Schwartz, C. B., Hass, R. A., & Melo, V. L. (2010). Problemas de saúde mental na adolescência: Características familiares, eventos traumáticos e violência. *Psico-USF*, 15(3), 321-332.
- Bonomi, A. E., Anderson, M. L., Nemeth, J., Bartle-Haring, S., Buettner, C., & Schipper, D. (2012). Dating violence victimization across the teen years: Abuse frequency, number of abusive partners, and age at first occurrence. *BMC Public Health*, 12, 637. doi:10.1186/1471-2458-12-637
- Bonomi, A. E., Anderson, M. L., Nemeth, J., Rivara, F. P., & Buettner, C. (2013). History of dating violence and the association with late adolescent health. *BMC Public Health*, 13, 821. DOI:10.1186/1471-2458-13-821
- Borges, J. L. & Dell’Aglío, D. D. (2008) Relações entre abuso sexual na infância, transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) e prejuízos cognitivos. *Psicologia em Estudo*, 13, 371-379.
- Braga, L. L., & Dell’Aglío, D. D. (2012). Exposição à violência de adolescentes de diferentes contextos: Família e instituições. *Estudos de Psicologia*, 17(3), 413-420. DOI: 10.1590/S1413-294X2012000300009.
- Brasil. Conselho Nacional de Saúde (2013). *Diretrizes e normas para pesquisa envolvendo seres humanos. RESOLUÇÃO Nº 466, de 12 de dezembro de 2012*. Brasília: Diário Oficial da União; Poder Executivo, publicado em 13 jun. 2013. Seção I, p.59-62.
- Brasil. Presidência da República. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. (2006). *Lei Maria da Penha Lei n. 11.340 de 7 de agosto de 2006 coíbe a violência doméstica e familiar contra a mulher*. Brasília: Presidência da República.
- Brasil. Ministério da Saúde (1996). Programa Saúde do Adolescente. Bases Programáticas. 2ª ed. Secretaria Executiva. *Coordenação da Saúde da Criança e do Adolescente*. Brasília: Ministério da Saúde.
- Brasil. Ministério da Saúde (2013). Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância de Doenças e Agravos não Transmissíveis e Promoção da Saúde. *Viva: Vigilância de violências e acidentes*, 2009, 2010 e 2011. Brasília: Ministério da Saúde.
- Brasil. Ministério da Saúde (2010). Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de análise de situação de saúde. *Viva: Vigilância de violências e acidentes*, 2008 e 2009. Brasília: Ministério da Saúde.

- Bueno, C. M. L. B. (2006). O papel das representações sociais e da educação para o desenvolvimento da identidade de gênero. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 16(3), 92-103.
- Callahan, M. R., Tolman, R. M., & Saunders, D. G. (2003). Adolescent dating violence victimization and psychological well-being. *Journal of Adolescent Research*, 18(6), 664-681. DOI: 10.1177/0743558403254784
- Camargo, S. P. H., Abaid, J. L. W., & Giacomoni, C. H. (2011). Do que eles precisam para serem felizes? A felicidade na visão de adolescentes. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 15(2), 241-250. DOI: 10.1590/S1413-85572011000200006
- Coenders, G., Casas, F., Figuer, C., & González, M. (2005). Relationships between parents' and children's salient values for future and children's overall satisfaction. A comparison across countries. *Social Indicators Research*, 73, 141-177. DOI: 10.1007/s11205-004-3233-0
- Cotton, S., McGrady, M. E., & Rosenthal, S. L. (2010). Measurement of religiosity/spirituality in adolescent health outcomes research: Trends and recommendations. *Journal of Religion and Health*, 49(4), 414-444. DOI:10.1007/s10943-010-9324-
- Coutinho, R. X., Santos, W. M., Folmer, V., & Puntel, R. L. (2013). Prevalência de comportamentos de risco em adolescentes. *Cadernos Saúde Coletiva*, 21(4), 441-449. DOI: 10.1590/S1414-462X2013000400013
- Dell'Aglio, D. D., Koller, S. H., Cerqueira-Santos, E., & Colaço, V. (2011). Revisando o Questionário Juventude Brasileira: Uma nova proposta. In D. D. Dell'Aglio., & S. H. Koller (Eds.), *Adolescência e juventude: Vulnerabilidade e contextos de proteção* (pp. 259-270). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- De Neve, J. E., Diener, E., Tay, L., & Xuereb, C. (2013). The objective benefits of subjective well-being. In J. Helliwell, R. Layard, & J. Sachs (Eds.), *World Happiness Report 2013* (pp.54-79). New York: UN Sustainable Development Solutions Network.
- Diener, E., & Seligman, M. E. P. (2004). Beyond money: Toward an economy of well-being. *Psychological Science in the Public Interest*, 5(1), 1-31.
- Diener, E. (2006). Guidelines for national indicators of subjective well-being and ill-being. *Applied Research in Quality of Life*, 1, 151-157. DOI: 10.1007/s11482-006-9007-x

- Diener, E., Suh, E. & Oishi, S. (1997). Recent findings on subjective well being. *Indian Journal of Clinical Psychology*, 24(1), 25-41.
- Diener, E. (1984). Subjective well-being. *Psychological Bulletin*, 95, 542-575.
- Diener, E. (2000). Subjective well-being: The science of happiness and a proposal for a national index. *American Psychologist*, 55(1), 34-43. DOI: 10.1037/0003-066X.55.1.34
- Diener, E., Suh, E. M., Lucas, R. E. & Smith, H. L. (1999). Subjective well being: Three decades of progress. *Psychological Bulletin*, 125(2), 276-302.
- Diener, E., Smith, H., & Fujita, F. (1995). The personality structure of affect. *Journal of Personality & Social Psychology*, 69, 130-141.
- Diener, E., & Scollon, C. (2014). The what, why, when, and how of teaching the science of subjective well-being. *Teaching of Psychology*, 41, 175-183. DOI: 10.1177/0098628314530346
- Diener, E., Kanazawa, S., Suh, E. M., & Oishi, S. (2014). Why people are in a generally good mood. *Personality and Social Psychology Review*, 22, 1-23. DOI 10.1177/1088868314544467
- Estatuto da Criança e do Adolescente. (1990). *Diário Oficial da União. Lei no 8069*, de 13 de julho de 1990. Brasília: DF.
- Farias Júnior, J. C., Nahas, M. V., Barros, M. V. G., Loch, M. R., Oliveira, E. S. A., De Bem, M. F. L., & Lopes, A. S.. (2009). Comportamentos de risco à saúde em adolescentes no Sul do Brasil: prevalência e fatores associados. *Revista Panamericana de Salud Pública*, 25(4), 344-352.
- Field, A. (2009). Análise de fatores exploratória. In A. Field (Ed.), *Descobrendo a estatística usando o SPSS* (pp. 553-604). Porto Alegre: Artmed
- Foshee, V. A., Benefield, T. S., Reyes, H. L. M., Ennett, S. T., Faris, R., Chang, L.Y., Suchindran, C. (2013). The peer context and the development of the perpetration of adolescent dating violence. *Journal of Youth and Adolescence*, 42(4), 471-486. DOI: 10.1007/s10964-013-9915-7
- Freire, A. N., & Aires, J. S. (2012). A contribuição da psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento do *bullying*. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 16(1), 55-60. DOI: 10.1590/S1413-85572012000100006
- Fujita, F., Diener, E., & Sandvik, E. (1991). Gender differences in negative affect and well-being: The case for emotional intensity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61(3), 427-434. DOI: 10.1037/0022-3514.61.3.427

- Gava, L. L., Silva, D. G., & Dell'Aglio, D. D. (2013). Sintomas e quadros psicopatológicos identificados nas perícias em situações de abuso sexual infanto-juvenil. *Psico (PUCRS, Impresso)*, 44(2), 235-244.
- Giacomoni, C. H. (2004). Bem-estar subjetivo: Em busca da qualidade de vida. *Temas em Psicologia*, 12(1), 1401-1410.
- Giacomoni, C. H., Höher, S. P., Wathier, J. L., Santos, B. R., Segabinazi, J. D., & D'ávila, V. S. (2005). Avaliação qualitativa de bem-estar subjetivo em adolescentes [Resumos]. In Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica (Ed.), *Anais II Congresso Brasileiro de Avaliação Psicológica*. (s/p). Gramado, RS.
- González, A. E. M., Saura, C. I., Rodríguez, J. A. P., & Guadalupe, A. L. O. (2010). Papel de la conducta prosocial y de las relaciones sociales en el bienestar psíquico y físico del adolescente. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 28(1), 74-84.
- Habigzang, L. F., Borges, J. L., Dell'Aglio, D. D., & Koller, S. H. (2010). Caracterização dos sintomas do Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) em meninas vítimas de abuso sexual. *Psicologia Clínica*, 22(2), 27-44. DOI: 10.1590/S0103-56652010000200003
- Habigzang, L. F., Damásio, B. F., & Koller, S. H. (2013). Impact evaluation of a cognitive behavioral group therapy model in brazilian sexually abused girls. *Journal of Child Sexual Abuse*, 22, 173-190. DOI: 10.1080/10538712.2013.737445
- Habigzang, L. F., Ramos, M. S., & Koller, S. H. (2011). A revelação do abuso sexual: As medidas adotadas pela rede de apoio. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27(4), 467-473. DOI: 10.1590/S0102-37722011000400010
- Hohendorff, J. V., Habigzang, L. F., & Koller, S. H. (2012). Sexual violence against boys: Epidemiological data, characteristics, and consequences. *Psicologia USP*(23)2, 395-415. DOI 10.1590/S0103-65642012005000007
- Hohendorff, J. V., Salvador-Silva, R., Andrade, R., Habigzang, L. F., & Koller, S. H. (2014). Adaptation and evaluation of a cognitive-behavioral intervention for boys who have been sexually abused. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 27(3), 424-433.
- Huebner, E. S., Drane, W., & Valois, R. F. (2000). Levels and demographic correlates of adolescent life satisfaction reports. *School Psychology International*, 21, 281-292.
- Jain, S., & Cohen, A. K. (2013). Fostering resilience among urban youth exposed to violence: A promising area for interdisciplinary research and practice. *Health Education Behavior*, 40(6), 651-662. DOI: 10.1177/1090198113492761

- Koller, S. H., & Antoni, C. (2004). Violência Intrafamiliar: Uma visão ecológica. In S. Koller (Ed.), *Ecologia do desenvolvimento humano: Pesquisa e Intervenção no Brasil* (pp. 293-310). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lepisto, S., Joronen, K., Aastedt-Kurki, P., Luukkaala, T., & Paavilainen, E. L. S. (2012). Subjective well-being in finish adolescents experiencing family violence. *Journal of Family Nursing, 18*(2), 200-233. DOI: 10.1177/1074840711435171
- Lima, R. O., & Ardigó, M. I. F. (2011). Bullying: Prevenção, punição e políticas públicas. *Âmbito Jurídico*, Rio Grande, XIV, 95. Disponível em: <[http://www.ambito-juridico.com.br/site/?artigo\\_id=10937&n\\_link=revista\\_artigos\\_leitura](http://www.ambito-juridico.com.br/site/?artigo_id=10937&n_link=revista_artigos_leitura)>
- Martins, C., Gouveia, A., Chaves, M., Lourenço, R., Marques, S. & Santos, T. (2014). Dating violence and nursing student well-being. *Revista de Atención Primaria, 46*, 129-134. DOI: 10.1016/S0212-6567(14)70079-4.
- McDonald, C. C., Deatrck, J. A., Kassam-Adams, N., & Richmond, T. S. (2011). Community violence exposure and positive youth development in urban youth. *Journal of Community Health, 36*(6), 925-932. DOI: 10.1007/s10900-011-9391-5.
- McDonald, C. C., & Richmond, T. R. (2008). The relationship between community violence exposure and mental health symptoms in urban adolescents. *Journal of Psychiatric and Mental Health Nursing, 15*(10), 833-849. DOI:10.1111/j.1365-2850.2008.01321.x
- Minayo, M. C. S. (1990). A violência na adolescência: Um problema de saúde pública. *Cadernos de Saúde Pública, 6*(3), 278-292. DOI: 10.1590/S0102-311X1990000300005
- Mosavel, M., Ahmed, R., & Simon, C. (2012). Perceptions gender-based violence among South African youth: Implications for health promotion intervention. *Health Promotion International, 27*(3), 323-330. DOI: 10.1093/heapro/dar041
- Mrug, S., & Windle, M. (2010). Prospective effects of violence exposure across multiple contexts on early adolescents' internalizing and externalizing problems. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 51*(8), 953-961. DOI 10.1111/j.1469-7610.2010.02222.x.
- Nolen-Hoeksema, S. & Girgus, J. S. (1994). The emergence of gender differences in depression during adolescence. *Psychological Bulletin, 115*, 424-43.
- Noronha, A. P. P., & Mansão, C. S. M. (2012). Interesses profissionais e afetos positivos e negativos: Estudo exploratório com estudantes de ensino médio. *Psico-USF Bragança Paulista, 17*(2), 323-331. DOI 10.1590/S1413-82712012000200016

- Nurcombe, B. (2000). Child sexual abuse I: Psychopathology. *Australian and New Zealand Journal of Psychiatry*, 34(1), 85-91. DOI: 10.1046/j.1440-1614.2000.00642.x
- Oliveira, J. R., Costa, M. C. O., Amaral, M. T. R., Santos, C. A., Assis, S. G., & Nascimento, O. C. (2014). Violência sexual e coocorrências em crianças e adolescentes: estudo das incidências ao longo de uma década. *Ciência & Saúde Coletiva*, 19(3), 759-771. DOI: 10.1590/1413-81232014193.18332013
- Organização Mundial da Saúde. (1997). *CID-10 Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde*. 10a rev. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Ozella, S., & Aguiar, W. M. J. (2008). Desmistificando a concepção de adolescência. *Cadernos de Pesquisa*, 38(133), 97- 125. DOI: 10.1590/S0100-15742008000100005
- Paludo, S. S., & Schirò, E. D. B. (2012). Um estudo sobre os fatores de risco e proteção associados à violência sexual cometida contra adolescentes e jovens adultos. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 17(3), 397-404. DOI: 10.1590/S1413-294X2012000300007
- Park, N. (2004). The role of subjective well-being in positive youth development. *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 591(1), 25-39. DOI: 10.1177/0002716203260078
- Passareli, P. M., & Silva, J. A. (2007). Psicologia positiva e o estudo do bem-estar subjetivo. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 24(4), 513-517. DOI: 10.1590/S0103-166X2007000400010
- Patias, N. D., Bossi, T. J., & Dell'Aglio, D. D. (2014). Repercussões da exposição à violência conjugal nas características emocionais dos filhos: revisão sistemática da literatura. *Temas em Psicologia*, 22(4), 901-915. DOI: 10.9788/TP2014.4-17
- Patias, N. D., Siqueira, A. C., & Dias, A. C. G. (2012). Bater não educa ninguém! Práticas educativas coercitivas parentais e suas repercussões no contexto escolar. *Educação e Pesquisa*, 38(4), 981-996. DOI: 10.1590/S1517-97022012000400013
- Pessalacia, J. D. R., Menezes, E. S. M., & Massuia, D. (2010) A vulnerabilidade do adolescente numa perspectiva das políticas de saúde pública. *Bioethikos*, 4(4),423-430.
- Petanidou, D., Daskagianni, E., Dimitrakaki, C., Kolaitis, G., & Tountas, Y. (2013). The role of perceived well-being in the family, school and peer context in adolescents' subjective health complaints: evidence from a Greek cross-sectional study. *Biopsychosocial Medicine*, 7, 17. DOI:10.1186/1751-0759-7-17



- Polanczyck, G., Zavaschi, M. L., Benetti, S. P. C., Zenker, R., & Gammerman, P. (2003). Violência sexual e sua prevalência em adolescentes de Porto Alegre, Brasil. *Revista de Saúde Pública*, *37*(1), 8-14.
- Poletto, M., & Koller, S. H. (2011). Subjective well-being in socially vulnerable children and adolescents. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, *24*, 12-25. DOI: 10.1590/S0102-7972201100030000
- Possati, I. C., & Dias, M. R. (2002). Multiplicidade de papéis da mulher e seus efeitos para o bem-estar psicológico. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, *15*(2), 293-301.
- Reina, M. C., Oliva, A., & Parra, A. (2010). Percepciones de autoevaluación: Autoestima, autoeficacia y satisfacción vital en la adolescencia. *Psychology, Society, & Education*, *2*, 55-69.
- Ryan, R. M. & Deci, E. L. (2001). On happiness and human potentials: A review of research on hedonic and eudaimonic well being. *Annual Review of Psychology*, *52*, 141-166. DOI: 10.1146/annurev.psych.52.1.141
- Saffioti, H. I. B. (2008). Gênero: Ontogênese e filogênese. In S. L. Kato (Ed.) *Manual de Capacitação Multidisciplinar* (Lei n. 11.340, de 07 de agosto de 2006 - Lei Maria da Penha) Tribunal de Justiça do Mato Grosso (pp. 91-124). Cuiabá: Departamento Gráfico-TJMT.
- Sales, J. M., Merrill, N. A., & Fivush, R. (2013). Does making meaning make it better? Narrative meaning making and well-being in at-risk African-American adolescent females. *Memory*, *21*(1), 97-110. doi: 10.1080/09658211.2012.706614.
- Sarriera, J. C., Saforcada, E., Tonon, G., Vega, L. R. L., Mozobancyk, S., & Bedin, L. (2012). Bienestar subjetivo de los adolescentes: Un estudio comparativo entre Argentina y Brasil. *Psychosocial Intervention*, *21*, 273-280. DOI: 10.5093/in2012a24
- Sarriera, J. C., Paradiso, A. C., Abs, D., Soares, D. H., Silva, C. L. E., & Fiuza, P. J. (2013). O bem-estar pessoal dos adolescentes através do seu tempo livre. *Estudos de Psicologia*, *18*, 285-295. DOI: 10.1590/S1413-294X2013000200014
- Segabinazi, J. D., Giacomoni, C. H., Dias, A. C. G, Teixeira, M. A. P., & Moraes, D. A. O. (2010). Desenvolvimento e validação preliminar de uma escala multidimensional de satisfação de vida para adolescentes. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, *26*(4), 653-659. DOI: 10.1590/S0102-37722010000400009
- Segabinazi, J. D., Zortea, M., Zanon, C., Bandeira, D. R., Giacomoni, C. H., & Hutz, C. S. (2012). Escala de afetos positivos e negativos para adolescentes: Adaptação, normatização e evidências de validade. *Avaliação Psicológica*, *11*(1), 1-12.

- Seligman, M. E. P., & Csikszentmihalyi, M. (2000) Positive psychology: An introduction. *American Psychologist*, 55(1), 5-14. DOI 10.1037/0003-066X55.1.5
- Serafini, A. J., & Bandeira, D. N. (2011). A influência da rede de relações, do *coping* e do neuroticismo na satisfação de jovens estudantes. *Estudos de Psicologia*, 28(1), 15-25. DOI: 10.1590/S0103-166X2011000100002
- Souza, A. P. L., Lauda, B. V., & Koller, S. H. (2014). Opiniões e vivências de adolescentes acerca dos direitos ao respeito e privacidade e à proteção contra a violência física no âmbito familiar. *Psicologia e Sociedade*, 26(2), 397-409. doi: 10.1590/S0102-71822014000200016.
- Steinberg, L. (1999). *Adolescence*. Boston: McGraw-Hill.
- Strelhow, M. R. W., Bueno, C. B. O., & Câmara, S. G. (2010). Percepção de saúde e satisfação com a vida em adolescentes: Diferenças entre sexos. *Revista Psicologia e Saúde*, 2(2), 42-49.
- Suldo, S. M., & Huebner, E. S. (2006). Is extremely high life satisfaction during adolescence advantageous? *Social Indicators Research*, 78, 179-203. DOI 10.1007/s11205-005-8208-2
- Svetaz, M. V., Ireland, M. & Blum, R. (2000). Adolescents with learning disabilities: Risk and protective factors associated with emotional well-being: Findings from the National Longitudinal Study of Adolescent Health. *Journal of Adolescent Health*, 27(5), 340-348.
- Tajima, E. A., Herrenkohl, T. I., Moylan, C. A., & Derr, A. S. (2011). Moderating the effects of childhood exposure to intimate partner violence: The roles of parenting characteristics and adolescent peer support. *Journal of Research on Adolescence : the Official Journal of the Society for Research on Adolescence*, 21(2), 376–394. DOI:10.1111/j.1532-7795.2010.00676.x
- UNICEF. Secretaria de Direitos Humanos (2012). Observatório de Favelas. Laboratório de Análise da Violência. *Guia Municipal de Prevenção da Violência Letal contra Adolescentes e Jovens*. Rio de Janeiro: Observatório de Favelas.
- U.S. Department of Health and Human Services, Administration for Children and Families, Administration on Children, Youth and Families, Children's Bureau. (2012). *Child Maltreatment*. Disponível em: <http://www.acf.hhs.gov/programs/cb/research-data-technology/statistics-research/child-maltreatment>

- Vera, E., Thakral, C., Gonzales, R., Morgan, M., Conner, W., Caskey, E., Bauer, A., Mattera, L. A., & Clark, S. (2008). Subjective well-being in urban adolescents of color. *Cultural Diversity & Ethnic Minority Psychology, 14*, 224-233. DOI: 10.1037/1099-9809.14.3.224
- Wagner, A., Falcke, D., Silveira, L., & Mosmann, C. (2002). A comunicação em famílias com filhos adolescentes. *Psicologia em Estudo, 7*, 75-80.
- Waiselfisz, J. J. (2013). *Mapa da Violência 2013: Homicídios e Juventude no Brasil*. Brasília: Secretaria Nacional de Juventude. Disponível em: [http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2013/mapa2013\\_homicidios\\_juventude](http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2013/mapa2013_homicidios_juventude)
- Watson, D., Clark, L. A., & Tellegen, A. (1988). Development and validation of brief measures of positive and negative affect: The PANAS scales. *Journal of Personality and Social Psychology, 54*(6), 1063-1070. DOI: 10.2307/2137092
- Wigderson, S., & Lynch, M. (2013). Cyber and traditional peer victimization: Unique relationships with adolescent well-being. *Psychology of Violence, 3*(4), 297-309. DOI 10.1037/a0033657
- World Health Organization. (2014). Health for the world's adolescents: A second chance in the second decade. Disponível em: <http://apps.who.int/adolescent/second-decade/>
- World Health Organization. (2010). Mental health strengthening our response. Fact sheet 220. Disponível em: <http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs220/en/>
- World Health Organization. (2014). Strengthening the role of the health system in addressing violence, in particular against women and girls, and against children. Sixty-Seventh World Health Assembly Resolution. Disponível em: [http://apps.who.int/gb/ebwha/pdf\\_files/WHA67/A67\\_R15-en.pdf?ua=1](http://apps.who.int/gb/ebwha/pdf_files/WHA67/A67_R15-en.pdf?ua=1)
- World Health Organization. (2002). *Version of the Introduction to the World Report on Violence and Health*. Geneva: World Health Organization. Disponível em: [http://whqlibdoc.who.int/publications/2002/9241545615\\_eng.pdf?ua=1](http://whqlibdoc.who.int/publications/2002/9241545615_eng.pdf?ua=1)
- Yépez-Traverso, M. A., & Pinheiro, V. S. (2005). Socialização de gênero e adolescência. *Estudos Feministas, 13*(1), 147-162.
- Zavaschi, M. L., Benetti, S., Polanczyk, G. V., Soles, N., & Sanchotene, M. L. (2002). Adolescents exposed to physical violence in the community: A survey in Brazilian public schools. *Revista Panamericana de Salud Publica, 12*(5), 327-332. DOI: 10.1590/S1020-49892002001100006

## ANEXO A

### PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA

**INSTITUTO DE PSICOLOGIA -  
UFRGS**



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Exposição à violência na Adolescência: Relações com bem-estar e saúde mental

**Pesquisador:**

Débora Dalbosco Dell'Aglio

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 22080914.1.0000.5334

**Instituição Proponente:** Instituto de Psicologia – UFRGS

**Patrocinador Principal:**

Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 557.202

**Data da Relatoria:** 10/03/2014

#### **Apresentação do Projeto:**

A violência é considerada um problema de saúde pública devido às consequências à saúde física e psíquica, especialmente quando ocorre durante a adolescência. De fato, estudos têm destacado a alta prevalência de exposição à violência física, psicológica e sexual nos contextos intra e extrafamiliar em adolescentes, seja como vítimas diretas ou indiretas. Tal exposição repercute na saúde mental e no bem-estar dos adolescentes.

Dessa forma, este estudo tem por objetivo geral investigar a relação entre exposição a diferentes tipos de violência e bem-estar e saúde mental em adolescentes escolares. Serão considerados os contextos intrafamiliar e extrafamiliar de exposição aos diferentes tipos de violência, assim como a exposição direta e indireta, verificando se existem diferenças no que se refere ao impacto no bem-estar e saúde mental.

Continuação do Parecer: 557.202

Os aspectos éticos que garantem a integridade dos participantes serão assegurados de acordo com legislações brasileiras. Serão realizadas análises descritivas e inferenciais, assim como análises de consistência das escalas utilizadas. Espera-se que a investigação possa contribuir para a produção de conhecimento sobre a temática da juventude em situação de risco na realidade brasileira e para uma maior compreensão sobre as relações entre a exposição à violência, eventos estressores e o bem-estar e saúde mental de adolescentes. Trata-se de estudo transversal e correlacional.

**Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo geral investigar a relação entre exposição a diferentes tipos de violência e bem-estar e saúde mental em adolescentes escolares.

Serão considerados os contextos intrafamiliar e extrafamiliar de exposição aos diferentes tipos de violência, assim como a exposição direta e indireta, verificando se existem diferenças no que se refere ao impacto no bem-estar e saúde mental. Também será observada a percepção dos adolescentes quanto ao impacto das situações de violência e de eventos estressores vivenciados, assim como os autores dos diferentes tipos de violência.

**Objetivos Secundário:**

- Identificar as frequências dos tipos e dos contextos da violência vivenciada por adolescentes, considerando as variáveis sexo, idade e configuração familiar;
- Identificar o impacto percebido de cada tipo de violência; - Identificar os autores dos diferentes tipos de violência investigados;
- Identificar a exposição à violência direta e indireta em diferentes contextos; - Investigar a frequência e o impacto de eventos estressores;
- Investigar relações entre exposição à violência, eventos estressores e bem-estar (considerando configuração da família não foi capaz de diferenciar os escores dos adolescentes na percepção do clima familiar, autoeficácia e autoestima;

Continuação do Parecer: 557.202

- Contribuir para o incremento da área de trabalhos que busquem compreender de que forma e com que força tais variáveis estão relacionadas, trazendo subsídios para propostas de intervenção.satisfação de vida e afetos positivos e negativos);
- Investigar relações entre exposição à violência, eventos estressores e saúde mental em adolescentes;
- Investigar preditores de satisfação de vida e de saúde mental em adolescentes;
- Adaptar e validar a Depression Anxiety and Stress Scale (DASS-21) para adolescentes brasileiros

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

No que se refere aos riscos, está descrito na pesquisa que não estão previstos danos físicos ou psicológicos, pois não são adotados procedimentos invasivos. Também é evidenciado no projeto de pesquisa que será disponibilizada a assistência por parte da equipe de pesquisa, que estará capacitada para este tipo de coleta de dados, no caso de algum participante necessitar de apoio durante ou imediatamente após a realização da coleta de dados. A partir dos dados coletados, quando forem observadas situações de risco pessoal, será realizado contato com a instituição à qual o adolescente faz parte, assim como contato com o adolescente e sua família, quando necessário, para encaminhamento à rede de proteção do município, através do Conselho Tutelar de sua região.

**Benefícios:**

Quanto aos benefícios, não estão previstos benefícios diretos as pessoas que decidirem participar do estudo. Contudo, quem estiver participando estará auxiliando a compreender questões a respeito da violência e bem-estar de adolescentes e contribuindo para a produção de conhecimento sobre a temática da juventude em situação de risco na realidade brasileira.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

O referido projeto apresenta uma proposta de pesquisa relevante, estruturada e fundamentada através de revisão de literatura consolidada. Destaca-se que este

Continuação do Parecer: 557.202

faz parte da principal linha de pesquisa da pesquisadora, coordenadora do NEPA/UFRGS (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Adolescência), e dá continuidade aos estudos sobre o desenvolvimento de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade pessoal e social. Quanto aos objetivos, os mesmos estão bem direcionados ao tema e a perspectiva metodológica está apropriada. Toda esta proposta investigativa corresponde e contempla as exigências éticas não tendo nenhuma pendência pois apresenta com detalhamentos todos os itens necessários a serem observados para aprovação.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Os termos foram devidamente apresentados e contemplam as exigências éticas necessárias.

**Recomendações:**

Não há recomendações.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Não há pendências.

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Projeto aprovado pelo CEP.

PORTO ALEGRE, 14 de Março de 2014

---

**Assinador por:**

**Milena da Rosa Silva  
(Coordenador)**

## ANEXO B

### TERMO DE CONCORDÂNCIA DA INSTITUIÇÃO

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Instituto de Psicologia  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Prezados(as) Senhores(as):

Estamos realizando a pesquisa **Relações entre exposição à violência e Bem-estar na adolescência** que objetiva verificar a exposição à violência e bem-estar em adolescentes. Para tanto solicitamos autorização para realizar este estudo nesta Instituição.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética do Instituto de Psicologia da UFRGS, e observa todas as recomendações éticas de manutenção do sigilo e da confidencialidade dos dados, que serão utilizados para fins científicos. Serão utilizadas uma ficha de dados sociodemográficos dos participantes, questionários sobre exposição à violência e bem-estar no grupo de adolescentes participantes do estudo. Os dados coletados serão mantidos sob guarda da UFRGS e destruídos após 5 anos. Os participantes do estudo serão claramente informados de que sua contribuição é voluntária e pode ser interrompida em qualquer etapa, sem nenhum prejuízo. A qualquer momento, tanto os participantes quanto a Instituição poderão solicitar informações sobre os procedimentos ou outros assuntos relacionados a este estudo. Os resultados da pesquisa serão divulgados junto às instituições participantes (escolas), como forma de contribuir para a execução de projetos sociais sobre este tema.

Agradecemos a colaboração dos participantes e das instituições envolvidas para a realização desta atividade de pesquisa e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais. A pesquisadora responsável pela pesquisa é a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Débora Dalbosco Dell’Aglío. Qualquer esclarecimento ou informação adicional pode ser obtido pelo telefone 3308 5253. Este documento foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS, fone (51) 33085441, e-mail: [cep-psico@ufrgs.br](mailto:cep-psico@ufrgs.br)

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ \_\_\_\_\_

Pesquisadora

Concordamos que o presente estudo se realize nesta Instituição. \_\_\_\_\_



## ANEXO C

**ATENÇÃO:** POR FAVOR, CASO ESTEJA DE ACORDO COM A PARTICIPAÇÃO DE SEU(SUA) FILHO(A) NA PESQUISA, FIQUE COM A PARTE SUPERIOR DA FOLHA E ENTREGUE A PARTE INFERIOR ASSINADA

UFRGS - INSTITUTO DE PSICOLOGIA – PPG PSICOLOGIA - NEPA

### **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**

Este estudo está sendo desenvolvido pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em Adolescência, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e busca investigar a exposição à violência, saúde e bem-estar em adolescentes. Esperamos que os resultados obtidos nesta pesquisa gerem conhecimento sobre o tema e que motivem programas de prevenção e intervenção que visem a promoção do bem-estar dos adolescentes.

Para tanto, solicitamos que seu(sua) filho(a) preencha questionários sobre dados sociodemográficos, exposição à violência, bem-estar e saúde mental. Enquanto seu(sua) filho(a) estiver preenchendo os instrumentos de pesquisa não estão previstos danos físicos ou psicológicos, pois não são adotados procedimentos invasivos. No entanto, caso seu(sua) filho(a) sinta algum desconforto, ele(a) pode optar por não responder a questão ou encerrar a participação no estudo. Da mesma forma, não estão previstos benefícios diretos as pessoas que decidirem participar do estudo. Contudo, quem estiver participando estará auxiliando a compreender questões a respeito da violência e bem-estar de adolescentes. Destacamos que as informações serão confidenciais, sendo preservado o anonimato na divulgação da pesquisa. Os dados provenientes do estudo serão utilizados apenas para fins de pesquisa e ficarão depositados no Instituto de Psicologia da UFRGS, por um período de cinco anos. A pesquisadora responsável por este projeto de pesquisa é a Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Débora Dalbosco Dell’Aglío.

Desde já, agradecemos sua contribuição para o desenvolvimento desta atividade de pesquisa e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos através do telefone (51)33085253. Este documento foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS, fone (51)33085441, e-mail:

[cep-psico@ufrgs.br](mailto:cep-psico@ufrgs.br) 

Assinatura Coordenadora Pesquisa

-----  
**Autorização:** Eu \_\_\_\_\_ (nome do responsável) fui informado dos objetivos e procedimentos da pesquisa “Exposição à violência, saúde e bem-estar na adolescência”, pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e autorizo a participação de meu(minha) filho(a) \_\_\_\_\_ no estudo. Declaro que estou ciente que tenho liberdade de retirar meu consentimento a qualquer momento sem prejuízo algum.

Data \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ Assentimento do Adolescente \_\_\_\_\_ Assinatura do Responsável

## ANEXO D

### Ficha de Dados Sociodemográficos

Código: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ Escola: \_\_\_\_\_

Que série/ano você está? \_\_\_\_\_

Data Nascimento: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_ anos

**Sexo:** ( ) masculino ( ) feminino

Quem mora na sua casa? Você pode marcar mais de uma opção.

( ) mãe

( ) pai

( ) irmã(o)s

( ) irmã(o)s por parte de pai ou mãe (meio-irmãos)

( ) tio(a)s

( ) mãe de criação ou adotiva

( ) pai de criação ou adotivo

( ) madrasta

( ) padrasto

( ) avôs

( ) namorado(a) ou companheiro(a)

**Trabalha?** ( ) Não ( ) Sim, o que faz? \_\_\_\_\_

Há quanto tempo você trabalha? \_\_\_\_\_ anos e \_\_\_\_\_ meses

Quantas horas por semana você trabalha? \_\_\_\_\_

Se você trabalha, qual sua renda mensal? R\$ \_\_\_\_\_.

**Você é:**

( ) solteiro(a)

( ) casado(a)

( ) mora junto

( ) separado(a)

( ) viúvo(a)

**Você já reprovou (“rodou”) na escola?** ( ) Não ( ) Sim Quantas vezes? \_\_\_\_\_

**Você já foi expulso de alguma escola?** ( ) Não ( ) Sim Quantas vezes? \_\_\_\_\_

Por quê? ( ) Brigas ( ) Faltas ( ) Outro: \_\_\_\_\_

**Você alguma vez já teve que parar de estudar para trabalhar?** ( ) Não ( ) Sim.

## ANEXO E

### QUESTÕES SOBRE VIOLÊNCIA INTRA E EXTRAFAMILIAR

(Questões retiradas do Questionário Juventude Brasileira, Dell’Aglío et al., 2011)

31. Identifique situações que VOCÊ já viveu COM SUA FAMÍLIA, relacionadas aos eventos na coluna 1 e a seguir responda às questões:

<b>Tipo de situação</b>	<b>A. Já aconteceu?</b>	<b>B. Em geral, com que frequência esta situação acontecia?</b>	<b>C. Em geral, o quão ruim foi para você esta situação?</b>	<b>D. Indique quem fez isto com mais frequência?</b>
a) Ameaça ou humilhação	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	<input type="checkbox"/> nunca <input type="checkbox"/> quase nunca <input type="checkbox"/> às vezes <input type="checkbox"/> quase sempre <input type="checkbox"/> sempre	<input type="checkbox"/> nada ruim <input type="checkbox"/> um pouco ruim <input type="checkbox"/> mais/menos ruim <input type="checkbox"/> muito ruim <input type="checkbox"/> horrível	A <input type="checkbox"/> mãe B <input type="checkbox"/> madrasta C <input type="checkbox"/> pai D <input type="checkbox"/> padrasto E <input type="checkbox"/> irmãos F <input type="checkbox"/> avós G <input type="checkbox"/> outros: _____
b) Soco ou surra	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	<input type="checkbox"/> nunca <input type="checkbox"/> quase nunca <input type="checkbox"/> às vezes <input type="checkbox"/> quase sempre <input type="checkbox"/> sempre	<input type="checkbox"/> nada ruim <input type="checkbox"/> um pouco ruim <input type="checkbox"/> mais/menos ruim <input type="checkbox"/> muito ruim <input type="checkbox"/> horrível	A <input type="checkbox"/> mãe B <input type="checkbox"/> madrasta C <input type="checkbox"/> pai D <input type="checkbox"/> padrasto E <input type="checkbox"/> irmãos F <input type="checkbox"/> avós G <input type="checkbox"/> outros: _____
c) Agressão com objeto (madeira, cinto, fio, cigarro, etc.)	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	<input type="checkbox"/> nunca <input type="checkbox"/> quase nunca <input type="checkbox"/> às vezes <input type="checkbox"/> quase sempre <input type="checkbox"/> sempre	<input type="checkbox"/> nada ruim <input type="checkbox"/> um pouco ruim <input type="checkbox"/> mais/menos ruim <input type="checkbox"/> muito ruim <input type="checkbox"/> horrível	A <input type="checkbox"/> mãe B <input type="checkbox"/> madrasta C <input type="checkbox"/> pai D <input type="checkbox"/> padrasto E <input type="checkbox"/> irmãos F <input type="checkbox"/> avós G <input type="checkbox"/> outros: _____
d) Mexeu no meu corpo contra a minha vontade	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	<input type="checkbox"/> nunca <input type="checkbox"/> quase nunca <input type="checkbox"/> às vezes <input type="checkbox"/> quase sempre <input type="checkbox"/> sempre	<input type="checkbox"/> nada ruim <input type="checkbox"/> um pouco ruim <input type="checkbox"/> mais/menos ruim <input type="checkbox"/> muito ruim <input type="checkbox"/> horrível	A <input type="checkbox"/> mãe B <input type="checkbox"/> madrasta C <input type="checkbox"/> pai D <input type="checkbox"/> padrasto E <input type="checkbox"/> irmãos F <input type="checkbox"/> avós G <input type="checkbox"/> outros: _____
e) Relação sexual forçada	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	<input type="checkbox"/> nunca <input type="checkbox"/> quase nunca <input type="checkbox"/> às vezes <input type="checkbox"/> quase sempre <input type="checkbox"/> sempre	<input type="checkbox"/> nada ruim <input type="checkbox"/> um pouco ruim <input type="checkbox"/> mais/menos ruim <input type="checkbox"/> muito ruim <input type="checkbox"/> horrível	A <input type="checkbox"/> mãe B <input type="checkbox"/> madrasta C <input type="checkbox"/> pai D <input type="checkbox"/> padrasto E <input type="checkbox"/> irmãos F <input type="checkbox"/> avós G <input type="checkbox"/> outros: _____

62. Identifique situações que você já viveu FORA DE CASA, na coluna 1 e a seguir responda às questões:

Tipo de situação	A. Já aconteceu?	B. Em geral, com que frequência esta situação acontecia?	C. Em geral, o quão ruim foi para você esta situação?	D. Indique quem fez isto com mais frequência?
a) Ameaça ou humilhação	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	<input type="checkbox"/> nunca <input type="checkbox"/> quase nunca <input type="checkbox"/> às vezes <input type="checkbox"/> quase sempre <input type="checkbox"/> sempre	<input type="checkbox"/> nada ruim <input type="checkbox"/> um pouco ruim <input type="checkbox"/> mais/menos ruim <input type="checkbox"/> muito ruim <input type="checkbox"/> horrível	A <input type="checkbox"/> amigos B <input type="checkbox"/> colegas de escola C <input type="checkbox"/> vizinhos D <input type="checkbox"/> professores/monitores E <input type="checkbox"/> policiais F <input type="checkbox"/> desconhecidos G <input type="checkbox"/> outros: _____
b) Soco ou surra	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	<input type="checkbox"/> nunca <input type="checkbox"/> quase nunca <input type="checkbox"/> às vezes <input type="checkbox"/> quase sempre <input type="checkbox"/> sempre	<input type="checkbox"/> nada ruim <input type="checkbox"/> um pouco ruim <input type="checkbox"/> mais/menos ruim <input type="checkbox"/> muito ruim <input type="checkbox"/> horrível	A <input type="checkbox"/> amigos B <input type="checkbox"/> colegas de escola C <input type="checkbox"/> vizinhos D <input type="checkbox"/> professores/monitores E <input type="checkbox"/> policiais F <input type="checkbox"/> desconhecidos G <input type="checkbox"/> outros:
c) Agressão com objeto (madeira, cinto, fio, cigarro, etc.)	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	<input type="checkbox"/> nunca <input type="checkbox"/> quase nunca <input type="checkbox"/> às vezes <input type="checkbox"/> quase sempre <input type="checkbox"/> sempre	<input type="checkbox"/> nada ruim <input type="checkbox"/> um pouco ruim <input type="checkbox"/> mais/menos ruim <input type="checkbox"/> muito ruim <input type="checkbox"/> horrível	A <input type="checkbox"/> amigos B <input type="checkbox"/> colegas de escola C <input type="checkbox"/> vizinhos D <input type="checkbox"/> professores/monitores E <input type="checkbox"/> policiais F <input type="checkbox"/> desconhecidos G <input type="checkbox"/> outros:
d) Mexeu no meu corpo contra a minha vontade	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	<input type="checkbox"/> nunca <input type="checkbox"/> quase nunca <input type="checkbox"/> às vezes <input type="checkbox"/> quase sempre <input type="checkbox"/> sempre	<input type="checkbox"/> nada ruim <input type="checkbox"/> um pouco ruim <input type="checkbox"/> mais/menos ruim <input type="checkbox"/> muito ruim <input type="checkbox"/> horrível	A <input type="checkbox"/> amigos B <input type="checkbox"/> colegas de escola C <input type="checkbox"/> vizinhos D <input type="checkbox"/> professores/monitores E <input type="checkbox"/> policiais F <input type="checkbox"/> desconhecidos G <input type="checkbox"/> outros:
e) Relação sexual forçada	A <input type="checkbox"/> não B <input type="checkbox"/> sim	<input type="checkbox"/> nunca <input type="checkbox"/> quase nunca <input type="checkbox"/> às vezes <input type="checkbox"/> quase sempre <input type="checkbox"/> sempre	<input type="checkbox"/> nada ruim <input type="checkbox"/> um pouco ruim <input type="checkbox"/> mais/menos ruim <input type="checkbox"/> muito ruim <input type="checkbox"/> horrível	A <input type="checkbox"/> amigos B <input type="checkbox"/> colegas de escola C <input type="checkbox"/> vizinhos D <input type="checkbox"/> professores/monitores E <input type="checkbox"/> policiais F <input type="checkbox"/> desconhecidos G <input type="checkbox"/> outros:

## ANEXO F

### ESCALA MULTIDIMENSIONAL DE SATISFAÇÃO DE VIDA PARA ADOLESCENTES (EMSV; Segabinazi et al., 2010)

“Gostaríamos de saber o que você pensa sobre a sua vida e coisas que fazem parte dela. Por exemplo: como você tem se sentido ultimamente? O que você gosta de fazer? Para cada frase escrita abaixo você deve escolher um dos números que melhor representa o quanto você concorda com o que esta frase diz sobre você”.

Exemplo:

	nem um pouco	um pouco	mais ou menos	bastante	muitíssimo
Eu gosto de ir ao shopping.	1	2	3	4	5

	1	2	3	4	5
1. Eu me divirto com muitas coisas.					
2. Os outros adolescentes têm mais amigos do que eu.					
3. Sou compreendido em casa.					
4. Eu fico feliz quando a minha família se reúne.					
5. Vou atrás do que quero conquistar.					
6. Meus amigos passeiam mais do que eu.					
7. Eu me relaciono bem com meus amigos.					
8. Minha família se dá bem.					
9. Eu gosto das atividades da escola.					
10. Eu sorrio bastante.					
11. Brigo muito com meus amigos.					
12. Eu me divirto com meus amigos.					
13. Eu sou uma pessoa bem humorada.					
14. Mantenho a calma.					
15. Minha família me faz feliz.					
16. Eu gostaria que meus amigos fossem diferentes.					
17. Meus amigos podem fazer mais coisas do que eu.					
18. Eu me divirto na escola.					

19. Consigo expressar minhas ideias.					
20. É difícil conseguir o que quero.					
21. Brigar resolve problemas.					
22. É bom sair com meus amigos.					
23. Tenho um convívio bom com a minha família.					
24. Gosto de sair para me divertir.					
25. Meus amigos se divertem mais do que eu.					
26. Eu sou alegre.					
27. Faço o que gosto de fazer.					
28. Tenho sucesso em atividades que realizo.					
29. Outros adolescentes ganham mais presentes do que eu.					
30. Meus professores são legais comigo.					
31. Eu sou inteligente.					
32. Os outros adolescentes são mais alegres do que eu.					
33. Gosto de brigas.					
34. Eu me divirto com a minha família.					
35. Gosto de conversar com meus amigos.					
36. Eu sou feliz.					
37. Eu me sinto calmo, tranquilo.					
38. Eu sou divertido.					
39. Meus pais são carinhosos comigo.					
40. Eu gosto de ir à escola.					
41. Eu me sinto bem do jeito que sou.					
42. Gostaria que minha família fosse diferente.					
43. Sou irritado.					
44. Meus amigos gostam de mim.					
45. Eu me sinto bem na minha escola.					
46. Eu aprendo muitas coisas na escola.					
47. Eu me considero uma pessoa descontraída.					
48. Meus amigos me ajudam quando preciso.					
49. Minha família gosta de mim.					
50. Minha família me ajuda quando preciso.					
51. Sou capaz de realizar muitas coisas.					
52. Gosto da minha vida.					

## ANEXO G

### ESCALA DE AFETOS POSITIVOS E NEGATIVOS PARA ADOLESCENTES

(EAPNA; Segabinazi et al., 2012)

“Gostaríamos de saber como você tem se sentido ultimamente. Não há respostas certas ou erradas. O que é realmente importante é que você responda com sinceridade a cada item. Esta escala consiste de um número de palavras que descrevem diferentes sentimentos e emoções. Leia cada item e depois marque um X na resposta que você acha que é a melhor para você. Por favor, tome cuidado para não esquecer de marcar nenhum item. Veja a frase do exemplo: ‘Eu estou me sentindo feliz’. Se você se sente muitíssimo feliz, marque 5. Se você se sente apenas um pouco feliz, marque 2. E assim por diante”.

Exemplo:

	nem um pouco	um pouco	mais ou menos	bastante	muitíssimo
Eu estou me sentindo feliz.	1	2	3	4	5

	1	2	3	4	5		1	2	3	4	5
1. Alegre						15. Disposto					
2. Amoroso						16. Divertido					
3. Amedrontado						17. Feliz					
4. Animado						18. Furioso					
5. Assustado						19. Humilhado					
6. Carinhoso						20. Impaciente					
7. Chateado						21. Interessado					
8. Competente						22. Irritado					
9. Contente						23. Magoado					
10. Corajoso						24. Perturbado					
11. Culpado						25. Preocupado					
12. Decidido						26. Satisfeito					
13. Deprimido						27. Triste					
14. Desanimado						28. Valente					